



coleção
PENSAMENTO AMAZÔNICO
Série André Araújo - v.9



Discursos acadêmicos

Ramayana de Chevalier
Djalma Batista



Academia Amazonense de Letras

CULTURA





Discursos acadêmicos



DIRETORIA DA ALL – BIÊNIO 2012/2013

PRESIDENTE

ARLINDO AUGUSTO DOS SANTOS PORTO

VICE-PRESIDENTE

ALMIR DINIZ DE CARVALHO

SECRETÁRIO-GERAL

CLÁUDIO DO CARMO CHAVES

SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO

ARMANDO ANDRADE DE MENEZES

TESOUREIRO

ABRAHIM SENA BAZE

TESOUREIRO-ADJUNTO

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO NETO

DIRETOR DE PATRIMÔNIO

MOACIR COUTO DE ANDRADE

DIRETORA DE EVENTOS

CARMEN NOVOA SILVA

DIRETOR DE EDIÇÕES

MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Avenida Ramos Ferreira, 1.009

Cep 69010-120

Centro Manaus – AM



GOVERNADOR DO AMAZONAS

OMAR AZIZ

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS

JOSÉ MELO

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA

ROBÉRIO BRAGA

SECRETARIA-EXECUTIVA

ELIZABETH CANTANHEDE

MIMOSA PAIVA

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE LITERATURA

ANTÔNIO AUSIER RAMOS

CULTURA
Secretaria de Estado

Av. Sete de Setembro, 1546

69005-141 – Manaus-AM-Brasil

Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357

Fax.: (92) 3233-9973

E-mail: cultura@culturaamazonas.am.gov.br

www.culturaamazonas.am.gov.br

Ramayana de Chevalier
Djalma Batista

Membros da Academia Amazonense de Letras

Discursos acadêmicos

Coleção Pensamento Amazônico

Série André Araújo – V. 9



CULTURA



Edições
Governo do Estado

Manaus, AM

2012

© Academia Amazonense de Letras, 2012

EDITOR RESPONSÁVEL ¶ **Marcus Barros**

COMISSÃO EDITORIAL ¶ **Lafayette Carneiro Vieira**
Rosa Mendonça de Brito
Armando Andrade de Menezes
Luiz Maximiano Corrêa

COORDENAÇÃO EDITORIAL ¶ **Jeordane Oliveira de Andrade**

CAPA E PROJETO GRÁFICO ¶ **Academia Amazonense de Letras**

EDITORACÃO ELETRÔNICA ¶ **Gráfica Moderna**

REVISÃO ¶ **Sergio Luiz Pereira**

NORMALIZAÇÃO ¶ **Ediana Palma**

C527d Chevalier, Ramayana de.

Discursos Acadêmicos. – Ramayana de Chevalier; Djalma Batista. 2.ª edição. – Manaus: Academia Amazonense de Letras./Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2012.

76p.; 14X21cm.

ISBN 978-85-64218-24-6

1. Discursos – Academia Amazonense de Letras. 2. Cronologia – Euclides da Cunha. I. Batista, Djalma. II. Título, III. Série.

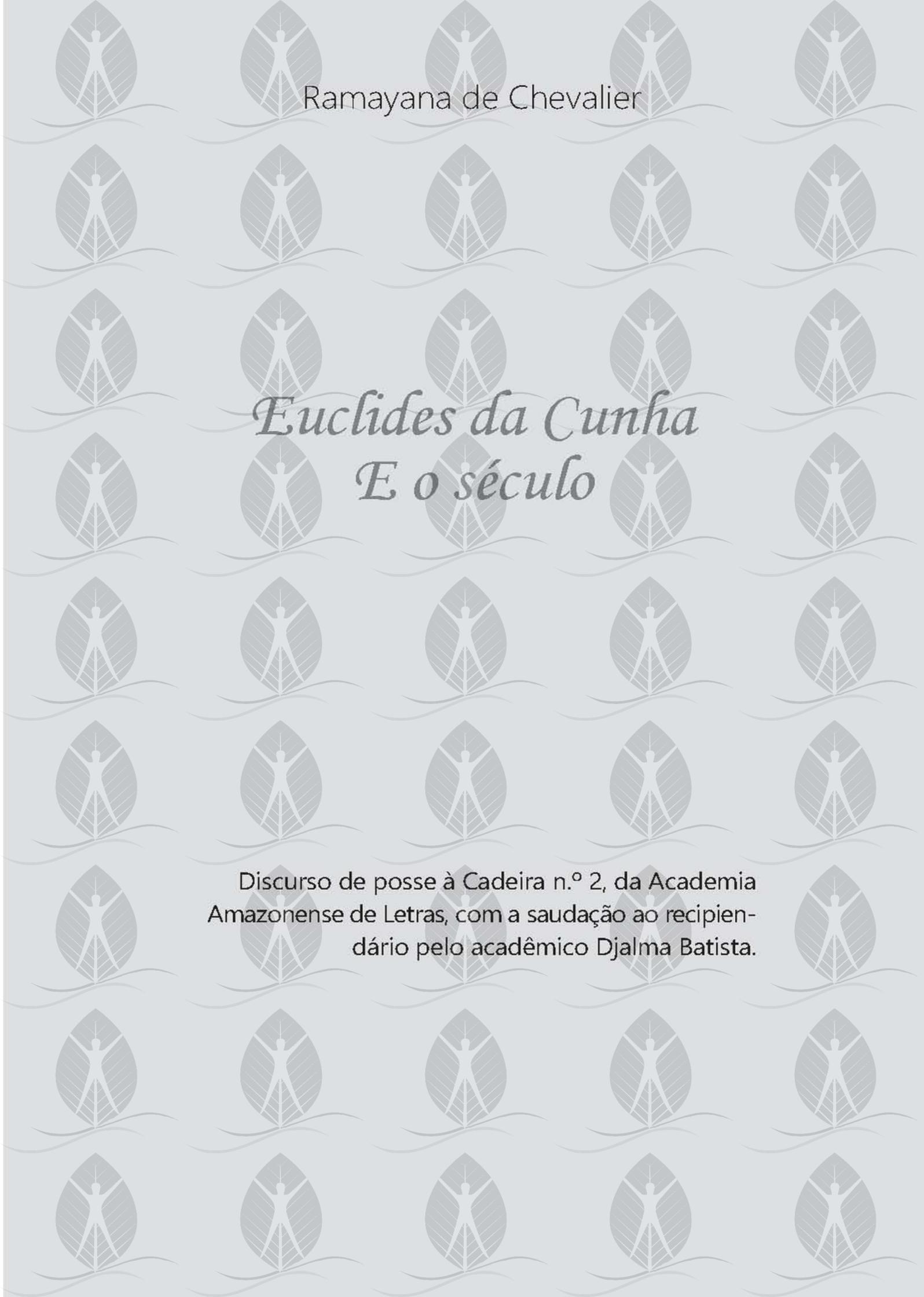
CDD 869.04
CDU 82-5(811.3)



Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz

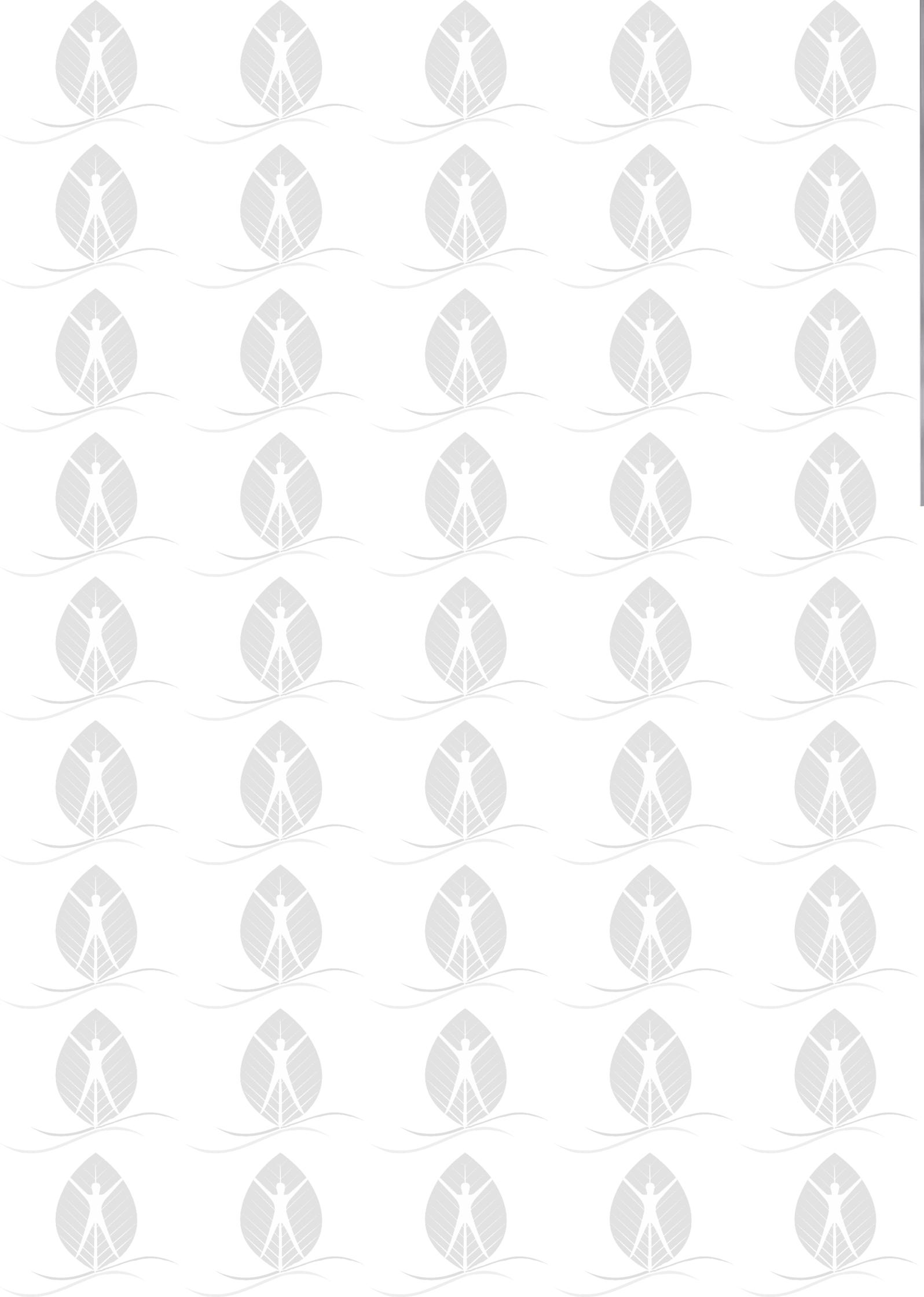
Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.



Ramayana de Chevalier

*Euclides da Cunha
E o século*

Discurso de posse à Cadeira n.º 2, da Academia
Amazonense de Letras, com a saudação ao recipien-
dário pelo acadêmico Djalma Batista.



Um minuto, apenas

Essa noite memorável, em que se recebeu, na Academia Amazonense de Letras, a Walmik Ramayana Paula e Souza de Chevalier, na cadeira número 2, cujo patrono, Euclides da Cunha, jamais se olvidará dos nossos fastos mais puros e mais belos. O salão à cunha, o Conjunto Musical "Orpheus", homenageando à posse acadêmica de um dos maiores oradores do Brasil; a fina flor da gente amazonense presente; o governador Gilberto Mestrinho e todo Secretariado, a rigor; a Igreja, pelo seu antístite; o Silogeu em maioria; o ambiente engalanado; sobre a mesa uma toalha italiana, os vasos chineses da Dinastia Ming, oferecidos da coleção do "Teatro Amazonas". Um encanto! Ramayana subiu à tribuna com suas condecorações: – a da "Campanha do Atlântico Sul", da Força Aérea Brasileira, e a da "Ordem Nacional do Mérito", da República do Paraguai.

O secretário das Finanças, Sr. Antônio Madeira, filmou, pessoalmente, toda a cerimônia, em cores.

Ao início da sessão solene, o presidente da Academia, desembargador Leôncio de Salignac e Souza, num empolgante improviso, disse da estranha e rutilante personalidade do acadêmico que, naquele momento, se empossava. As suas palavras traduziram o sentimento do Amazonas, e quiçá do Brasil, representado naquele instante por um pugilo de homens de letras e de criaturas de fina sensibilidade.

O que se vai ler, se constituiu um magistral estudo de Ramayana de Chevalier, sobre Euclides da Cunha, atual, vibrante, arrojado, sincero e alto, deixou, na assistência atônita, uma emoção indelével.

Foi o despejar de um talento onímoto, vigoroso e poliédrico, dono de uma cultura invulgar, que significa, para nós amazonenses, um galardão de nossa terra, um motivo de perenal orgulho para a nossa mocidade.

Ramayana professor, escritor, conferencista, orador, jornalista, médico, poeta, cronista sutil e forte, em todas essas facetas ele revela a inteligência surpreendente e fértil, exaltando à sua terra e aos seus conterrâneos, nos trapos mais vivos de acendrado amor pelo seu berço.

Publicando seu discurso e o de seu paraninfo, acadêmico Djalma Batista, homem de letras e de ciência, colega de Ramayana, formado na mesma Faculdade de Medicina da Bahia, um dos brilhantes espíritos do nosso Estado, diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, em separata, o fazemos cumprindo determinação do Senhor GOVERNADOR DO ESTADO, num prêmio e numa louvação a um dos nossos mais eminentes intelectuais patrícios.

Associando-nos, pois, a esse justo e elegante cometimento, consagramos, nestas modestas palavras, o júbilo que se apossa de nós, amazonenses, como

Editores

Euclides da Cunha e o século

Raramente surgirá, entre os alcantis cerebrais do Brasil, um gigante tão vivo e tão firme como Euclides da Cunha.

Ao assumir o compromisso de falar-vos, retribuindo-vos a excelsa justificação de minha escolha, enflorei o coração por duas vezes: – uma, na qual via derruídos os tabus e as verminas, provincianas e mesquinhas, que paliçavam esta admirável Casa da Inteligência; a outra, enfrentando, com a alma em júbilo, a tarefa de mergulhar no oceano profundo da vida de Euclides da Cunha, de onde eu surgiria, coroado de pérolas, como um polinésio.

A Cadeira Número Dois, deste círculo de pensadores, era, para meu espírito, um escrínio. Não se havia criado para ficar vazia, e, se ocupada como o foi, por um dos mais vertiginosos talentos do nosso tempo, esse imortal e magnífico Adriano Augusto de Araújo Jorge, cujo nome eu pronuncio de joelhos, de logo, na refluência dos fenômenos físicos, arrastaria no seu fascínio àqueles que vivem da eviterna admiração ao grande morto. Sim, haveria eu de rumorejar, adentro a mais cálida perpetuação de simpatia, o nome de Adriano Jorge, cujo calor pensamental ainda sinto na cátedra de agora, homem que era um coração a estilhaçar inteligência, dono da vida de centenas de homens desta terra, gigante do caráter e do amor, que não ficou em obras escritas, como Jesus jamais o fez por sua própria mão, mas que se eternizou nos romances inapagáveis da gratidão, da bondade e, acima de tudo, do deslumbramento verbal mais estonteante! Foi um homem de honra e de caráter, engastado numa cultura surpreendente e onímoda. Junto a mim ele estará na noite de hoje, perfilado como um cavaleiro andante, a louvar o Amazonas, a enobrecer o Brasil.

Em plano destacado, comoveu-me o nome que apontastes para receber-me. Nossa tribo reconhece no Dr. Djalma Batista uma inteligência fulgurante, um espírito tocado da graça e da beleza, uma das exuberantes criações deste vale equatorial, tão

inédito nos seus arroubos naturais. Cientista pesquisador, faz-me lembrar ele, na sua radiosa juventude, os tempos em que eu grimpava o cimo das maretas acadêmicas, na velha Bahia, ambos, como Olavo das Neves, oradores de nossas turmas, ambos amazonenses, eu no meu tempo ardente e perigoso, ele no remanso de uma paz harmoniosa, aonde ressoavam, tristes e simples, os imensos vulcões que subiam das ladeiras e dos subsolos da cidade colonial.

Agradeço-vos, pois, a escolha de Djalma Batista. E vejo nisso, nesta expressão rude e escarnada de minha observação cabocla, uma homenagem a um coração que ambos amamos, um grande coração enraizado até à medula nesta terra inigualável, o coração infatigavelmente bom do seu pai, essa árvore frondosa de ternura e de sinceridade, símbolo da nossa doçura tropical, esta hospitalidade humilde de jacumaúbas! No brasão desse jovem médico e literato escorreito e brilhante, deve estar esculpida a marca inapagável da nossa devoção legítima. Seria justo que, no seu pendão de armas, em lógica e beleza, houvesse um porantim sagrado de luz e a proa rutilante de uma igarité. Agradeço-vos, pois, de novo, a escolha daquele que me recebe neste instante e a graça de vossa Justiça.

O rumor

Andam, pelo país, sombras amargas. Velhas sombras que ainda não conseguiram dormir, tocadas pela insônia dos remordimentos. São gases flutuantes que anestesiam a memória dos fiéis da sublime Religião da Dor.

São restos de destinos que sobraram, no naufrágio do Tempo, pingenteando glórias e martírios.

É um rumor de asas de crepe, um hálito de consciências mórbidas, que não conseguiram, sobre a campã do justo, imobilizar-lhe a chama.

É um cicio, tão frágil e tão imperceptível, que marca, na cadência do seu respiro, a ânsia dos que seguem os gênios, sem empanar-lhes o lucilar vertiginoso, sem ensombrar-lhes as fosforescências do espírito.

Ouçó esse rumor, como um presságio, como um profundo murmúrio de grotões ignotos, como o sopro das frestas ocultas nas cavernas lôbregas, varrendo de manso as páginas da História, lambendo sonhos imarcessíveis, lamuriando-se dos erros e dos desesperos, abençoando, na sua tragédia fluida, o túmulo dos Anteus.

Ouçó esse rumor de música, ora epiléptica como um baile de ébrios, ora tristíssima como um coro de órfãos do Destino, ora grave e solene como um clamor uterino de clavicórdios, atormentando os milênios, ora aos saltos e sobressaltos como um pesadelo de trasgos e de gnomos, marcando o remorso daqueles que são indigitados de Lúcifer para arrancar da Vida, nos atos triviais do sangue, os monumentos da Cultura e da Sabedoria!

Sobre a lápide de Euclides da Cunha eu sinto esse rumor, que não se apagará jamais, como ainda perduram os gemidos das Parcas sobre o túmulo de Sócrates, ou os urros do mar sobre os vestígios de Shelley...

Flor sem orvalho

Na umidade fecunda do herbário estético do Brasil, não há lugar para o monstro.

Não nasceu ele para vicejar entre palmas e vergôntes. Não era uma planta de jardim.

Não viveria em jarrões de sala, ao sopro de bocas ardentes e assassinas. Não cresceria entre alfombras suaves, ouvindo beijos e murmúrios.

A natureza fê-lo seco e exato. No anfiteatro desolado da Vida, onde medram glicínias e garras lodosas de pântanos, ele

seria o cactus. Como o bárbaro dominador das caatingas, ele guardaria no coração a água pura para saciar homens e feras.

Em Alberto Rangel, num rasgão lapidar de imagem, sentimos a vocação do mártir: “há, gravadas na tampa nua e branca de um sepulcro de Paris, um botão de rosa e as palavras: Assim eras tu, minha filha”. No túmulo de Euclides da Cunha dever-se-á mandar esculpir a flor da passíflora, traspassada da mata para o ornato e o proveito dos nossos vergéis e a qual tem no cálice roxo ou vermelho os símbolos do mais celebrizado dos sofrimentos humanos. Sob a corola, mágoa e glória da Paixão, caber-lhe-ia a frase, semelhante à do jazigo da criança: “Assim eras tu...” – uma flor de martírio, com os seus espinhos e os seus cravos, coberta de um pólen fecundante em poemas!”.

A flor violácea da passíflora seria o seu destino. Caberiam nela os seus instantes íntimos, quando Minos se debruçava sobre os despenhadeiros dos seus insondáveis desalentos, cavando-os mais ainda, sob as garras de lembranças sangrentas e sombrias!

Assim desabrocharia a flor, no tabuleiro excitado do seu destino sem amores!

Não há deserto, quando brota uma rosa de paixão. Não há solidão, quando modula a ave canora do sentimento lírico.

O seu deserto interior era trágico e famulento. Só havia a sombra circunflexa dos mandacarus, o perfil torto e selvagem das agaves gigantes.

E, nesse deserto de amor, ouvindo o lamento órfão das hienas do instinto, sentindo o chicote amargo dos espinheiros que desfaziam coiraças de vaqueanos, mas lhe respeitaram a epiderme pálida do espírito!

Não corria, nessa imensa solidude, nem um córrego de mágoa lamentosa, nem um murmúrio de cítara passional, nem o susurro de uma ternura simples, no vergel de uma saudade pura...

E aí ficou, para o pensamento dos homens, essa interrogação que ele nos legou num dos seus escritos, síntese terrível de um drama histórico, capaz de enternecer e de espantar:

“– Quem definirá um dia essa maldade obscura e misteriosa das coisas, que inspirou aos gregos a concepção indecisa da fatalidade?”.

A “chance”

Dos respaldos gloriosos da cultura, implantado no próprio cerne da nacionalidade, ele nos aparece como um arremesso de granito, lançado aos céus da posteridade, afirmando o Brasil.

Amo-o no esplendor do seu martírio, nas reentrâncias mais profundas de sua obra, no trabalho insano de dissecar, como um anatomista, a figura torva e apavorante desse Caliban do heroísmo que é o sertanejo, nosso patricio.

A obra de Euclides toca-me como se, no brandir da hasta sobre o bronze quieto, as repercussões fossem gritos da Raça, imprecações das Idades, choros convulsos das gerações nascentes.

Sinto-me, por inteiro, nas minhas hesitações e nos meus pesadelos. Fremo com ele, nos instantes eclósivos de minha personalidade. Abafo os soluços, quando pervago pelos seus livros tão cheios de Brasil e de sangue, de pátria e de orgulho caboclo, de esperanças e de emoções eternas!

Sou a máquina que resiste aos sobressaltos, renovando-se neste imenso amor pela terra, pelas gentes.

Não creio que me alegrasse tanto ao espírito, falar de outro cérebro, de outro escritor, como esse cujo destino parou, no espanto de um segundo, do vértice de uma alça de mira.

As suas vivências, as suas andanças, ele que foi sobretudo um simples por fora e um braseiro por dentro, tudo me conduz ao seu nicho de prostração, como se as suas palavras houvessem sido escritas no meu sangue antes de o serem nos seus livros.

Clima físico

Costuma-se dizer, na aguda penetração da crítica literária, que, nos quadros da literatura brasileira os escritores derivam por três correntes diversas do tronco euclidiano.

O gênio inspirador comoveu a todas as gerações.

Mesmo os artistas mais bizarros, mais secos nas suas imagens, mais desidratados nos seus conceitos sobre o Nordeste, mesmo esses vieram da grande fonte do mago d'Os *Sertões*.

Vários são, ultimamente, os que se adentram, temerosos, na enorme silva euclidiana, para distorcer afirmações, reformar ideias, criticar análises, reconduzir pontos de vista, bimbalar cincerros.

Todas essas tentativas resultam em pura perda, como as setas do abexim ao sol do ocaso.

Até lama, até escarros já ousaram lançar-lhe ao renome de aço. Escritoras balofas e incultas, azeitadas na enxúndia, pretenderam inaugurar uma época nefanda de erostratismo literário, vomitando-lhe sobre a memória e a tradição.

Ficaram no gesto insólito. Encolheram-se na insanidade vil. Nenhuma repercussão tiveram, porque, decididamente, não é modernismo o ser-se torpe, não é modernismo o ser-se bruto.

Originalidade, se existiu nesse ato de selvageria inábil, foi somente a flor excelsa da capadoçagem literária que pretende usurpar-nos o espaço intelectual.

Ficou em nada. Porque ainda estamos sob a influência do sofrimento espiritual de Euclides da Cunha.

Ainda lhe escutamos os brados heroicos nas fronteiras, os gemidos das longas noites de vigília siderante.

No meu caso, fui conhecê-lo literariamente, depois de alicerçado na modesta cultura que amalhei. O fato revela uma conclusão: não vieram de Euclides os escritores das três correntes pelo fato de lê-lo, de estudá-lo, de senti-lo. O euclidianismo é um clima físico, é uma condição social, é uma expressão temporal de cultura.

Descobrimo o Brasil num instante em que os nossos artistas molhavam os pés na orla atlântica, de frente para a Europa, ele lançou o primeiro brado de antropogeografia brasílica emancipada. Foi um rebento alucinado de brasilidade. Criou.

Impeliu, ao infinito, a nossa inércia cabocla.

E, com o seu nervosismo, traduziu um momento com tal força, com tão deslumbrante beleza, que influiu no campo sereno do espírito, sobre dezenas de escritores que mal o haviam deletreado.

Na opinião de Tasso da Silveira, quando criticou o meu primeiro livro *No Circo Sem Teto da Amazônia*, esse foi um dos filões de primordial influência, que balizaram o meu destino literário.

Antes de ler Euclides, já eu era um derivado do seu clima, das trepidantes e convulsas condições biossociais onde ele se debatera.

Depois, ao lê-lo, voltei à origem.

Saciei-me na hispidez de sua condição mavórtica, inebriei-me com o poder miraculoso do seu estilo, quando facetou, na refulgência dos seus símbolos, a esta Amazônia que eu tanto amo.

O instante

A feição literária de hoje é uma caricatura. Uma tentativa. Uma decantação. Pesquisa, investigação, esforço de teodolitagem. Na prosa e na poética. A evolução não pede senão a glória de retornar ao esforço. Isso é renovar-se. Isso é restabelecer-se. Mesmo na História, mesmo na Ciência. Mesmo na Arte.

A confrontação de Idades só revela um mérito: a vitória do homem e a irresistível evolução do seu pensamento.

Até aos nossos dias o homem ainda não pensou melhor do que Parmênides. A Antiguidade Clássica continua sendo uma fonte inesgotável de Beleza, de Arte e de Cultura.

Conseguimos adaptar-nos à velocidade.

O que chamamos Civilização Moderna nada mais é do que uma adaptação à velocidade. A maior preocupação do homem moderno é adaptar-se, física e psicologicamente, aos cada vez mais vertiginosos deslocamentos.

A velocidade deu ao homem a visão cósmica do Espaço. As unidades, antes simples, são hoje ano-luminosas. Os objetivos, que se resumiam aos cinco oceanos e aos sete mares (hoje três oceanos e nove mares), estão hoje situados nas órbitas de Vênus e Marte, com a Lua servindo de subúrbio sideral.

A velocidade é o signo do homem moderno. Viajar de navio, na época atual, só para desocupados, proletários ou enfermos.

E pensar maduramente, demoradamente, fecundamente, só esses astrolábios da cultura que são os filósofos modernos, ou os historiadores, esses repórteres do Tempo.

A forma só atende à evolução lenta e segura. As experiências de Michourin e Lizenko, emprestando saltos à natureza, foram mais tentativas demagógicas do que progressos legítimos.

A ideia, sim, é uma constante que se adapta ao Tempo e à Cultura. Esta admite novas modificações, experiências, tentativas. Admita-se, mesmo, à ideia, o plasma imortal que se eterniza na transformação, na modelagem, na criação de novos "standards", desenvolvendo ao infinito o "gene" criador de sua própria condição de existência que é o progresso.

A ideia, sim, é moderna, é atual, é um móbile. Na forma, o homem se repetirá sempre, aos ciclos.

Retornará infatigavelmente aos pontos essenciais da conquista e jamais se afastará da Natureza, que é a repetidora milenar de experiências biológicas.

Em Euclides da Cunha tivemos o surto emocional da sociologia brasileira.

Num gesto teatral, embora sóbrio e elegante, ele conseguiu que o gigante desse meia-volta para encarar, num hiato da admiração à Europa, a tremenda realidade sertaneja.

Demonstrou que não era necessário mergulhar no passado para evocar as lamentações de Jeremias, os arroubos coruscantes de um Jasão, a coragem decidida de Horácio Cocles, as manhas estratégicas de Troia, a ferocidade de Sagunto, a imensa romaria espetacular de Gêngis Khan, os relevos surpreendentes do deserto persa ou a bruteza de músculos e choques dos númidas e cartagineses.

Ali, em Canudos, na covanca de um chapadão de desgraças, o Brasil fecundava uma raça de Teseus e de Saturnos!

O Sol e o deserto, numa simbiose de titãs, plasmaram no homem um similar de Anteu.

A força de resistência, a coragem da ação, a bravura decisiva, a vertiginosa agilidade maleável, a afoiteza da ignorância e a divina loucura da ingenuidade, tudo se caldeou no íntimo do jagunço, dando ao Ocidente uma página heroica, de uma larga auréola histórica e sentimental.

Euclides foi, nesse momento, o testemunho vigilante, o repórter astuto, o observador surpreso, o cientista rebelado, o político emocionado, o sociólogo empolgado.

Encontrara, nos sicômoros e descalvados da caatinga, o molde para o gigante do seu sociogenismo caboclo.

Não foi uma porta que se escancarou à História: foi um abismo que se rasgou aos pés da nossa inércia de observação.

De um lado e do outro das trincheiras de análise há um sentido confuso. Nem só de pão vive o homem.

Euclides, se não foi o cientista, como tanto desejou ser, afirmou, sem dúvida, a sua enorme capacidade de retratista de fatos.

Foi um repórter-escritor, foi um vanguardeiro da técnica de narrar, compondo a terra e o homem nos seus tropos de incrível fascinação estética.

Foi um grande repórter. E, como repórter, associou-se à catástrofe moral, que precedeu e ultimou ao quadro insólito.

Canudos foi um centro motor de agitação social. Foi uma rebelião de classes e sistemas. Foi uma centrifugação inconsciente de fatores sociais, agindo no sentido de uma transformação.

Ali, nos aclives da savana rude, o Brasil assistiu, estatelado, ao seu mais poderoso drama.

Não era uma guerra civil, não era uma revolução programada, não era um movimento separatista.

Era um dealbar de tragédia humana, no cadinho social, os fracos, os oprimidos, exilados em sua própria gleba, que se levantavam, eriçados de chuços e bacamartes, contra os seus opressores.

Ninguém queria outros regímenes, ninguém desejava outro Deus. Conselheiro, barbudo e bárbaro, trazendo na singeleza das linhas o traço físico do Iluminado, doente de desajustamento, conduziu ao redor de si manadas de fanáticos.

Fanáticos de quê? Por acaso lutavam no Oriente, contra o crescente maometano e as cimitarras de Saladino?

Fanáticos de quê? Por acaso conduziam flâmulas estranhas, bandeiras diversas, cores diferentes, na sua arrancada cega?

Fanáticos de quê? Porventura usavam fardas inimigas, falavam idioma exótico, buscavam novas formas de governo?

Fanáticos de quê? Rezavam em nome de outros oragos benziavam-se com a mão esquerda como os maometanos, "sua cruz era dupla ou torta, como a "swástica"?

Fanáticos de quê? Desejariam eles despedaçar o Brasil, torná-lo inóspito ao sabor latino, ensombrar-lhe a História com o sangue dos simples?

Ao cair das tardes, muitas vezes no dorso das lombadas, projetando a sua sombra, comprida e magra como a de um profeta, abrangendo a região com o seu olhar vulturino, Antônio Conselheiro representava a estátua do desespero indefinido, a surda exclamação de revolta do seu povo, contra o abandono, a solitude e o crime!

A sua bandeira era a da oposição à injustiça social, a sua religião, num sincretismo idólatra, reunia orixás africanos e santos do agiologóio católico, e sua palavra de ordem, seca e rápida, era um chispar de fogo entre as sarças ardentes...

Fanáticos de quê? Da lealdade! Eram fanáticos do ódio, da obediência inflexível, da disciplina leiga, das mais intrínsecas vontades e das qualidades mais puras, que nascem da terra comburida, do sertão maninho, dos talhos torcicolantes das capoeiras.

Eram fanáticos de um homem, no qual eternizavam todas as suas crenças e todas as suas virtudes. Não estava ali, na onda jagunço de Conselheiro, uma tropa militarizada, cujo sentido obedecesse à triangulação dos regimentos.

Às ordens de Conselheiro havia milhares de caricaturas dele mesmo, milhares de corações iguais ao seu, milhares de brasileiros esfolados de sol, batidos na exploração do trabalho, abandonados como párias, desprezados como feras, bons, na suprema bondade que desce da natureza, aglomerados pela necessidade e pela esperança, essas duas bússolas das rebeliões sociais!

Eram fanáticos da lei biológica, traída pela lei política!

Analisando o fato, inexorável como uma tragédia de Ésquilo, Euclides da Cunha foi um grande repórter, um formidável escritor. Como cientista, sua visada mediu-se em ângulos errôneos. As suas fontes foram inadaptadas, desajustadas, sem contagem própria. Quis encarapuçar o Nordeste e o jagunço com as toucas da moda científica em voga. E elas não se ajustaram à realidade.

A sua suprema injustiça ao mestiço merece um reparo. Por incrível que pareça, por desatinado que semelhe, foi o "mestiço neurastênico do litoral" quem dilatou as Tordesilhas, quem afastou os meridianos, quem plantou cidades, quem criou o Brasil!

Se não se nega, e isso é absurdo querer, o poderoso contingente de resistência do sertanejo, é de se ver que, entre os bravos de Macambira e Antônio Beatinho, a maioria era de mestiços, como entre os alucinados de Henrique Dias e Camarão, como entre os centauros loucos da Laguna, como entre os cons-

trutores dos cafezais de S. Paulo, dos canaviais de Pernambuco e Campos, dos cacauais da Bahia e, sem dúvida, como entre os heróis da Cabanagem, da Sabinada, da Confederação do Equador e os irresistíveis de Monte Castelo, Soprassasso e Montese.

Erro científico que humilha àqueles que constituíram no passado e representam hoje, nesta luta indômita pela emancipação econômica do Brasil, a própria base humana da nacionalidade!

Esse um dos erros capitais do gênio mestiço. Esse um dos seus tropeços mais candentes.

A visão científica, calcada em Hartt, em Taine e seu visceral positivismo, em Martius e seu protestantismo alucinante, em Buckle e seu enfeitiçante mas monotônico “determinismo geográfico”, em Huxley, inteiramente mergulhado no seu materialismo naturalista, em Gumplowicz, um campeão do racismo, haveria de ser errônea e vacilante.

Pretendeu projetar na sociedade humana a tortuosa realidade telúrica, como causa, da qual a dor social seria o efeito.

A influência mesológica se traduziu como um fator predominante na análise euclidiana. No ambivalência contrastante entre a orla marítima e o tabuleiro do agreste, jogou ele com as concausas do imenso drama social do jagunço.

Ao lado disso, o esgarçamento de um clima desanimador, um ambiente cáldo de deserto, e a profunda miscegenação que, servindo a ele de fatores de explicação, não conduzem, de fato, a nenhum raciocínio positivamente científico, como causas individualizadas.

Analisando a Amazônia, desencontrou-se de novo, na observação do jacumaúba. Em brilhante citação de Dorian Freire, um moderno exato, Euclides explicava que “o calor úmido das paragens amazônicas deprime e exaure. Modela organizações tolhiças em que toda atividade cede ao permanente desequilíbrio entre as energias impulsivas das funções periféricas fortemente excitadas e a apatia das funções centrais: inteligências marasmáticas, adormidas sob o explodir das paixões: inervações

periclitantes, em que pese à acuidade dos sentidos, e mal reparados ou refeitos pelo sangue empobrecido nas hematoses incompletas”...

Note-se que o caboclo ainda é um mestiço. E na mestiçagem afundou Euclides a sua crítica, adotando a tese de Foville e condenando o nosso homem à afirmação de ser “quase sempre, um desequilibrado”.

Avança mais, ainda na citação de Freire, para terminar – dizendo que “o mestiço é um intruso. Não lutou; não é uma integração de esforços; é alguma coisa de dispersivo e dissolvente; surge, de repente, sem caracteres próprios, oscilando entre influxos opostos de legados discordes”.

E pergunta Freire, com rigorosa sinceridade: “Possuirão organizações tolhiças os amazonenses que resistem ao abandono da região e que ali desafiando os governos ineptos e a natureza cruel, conseguem sobreviver?”

E adiante: “O mestiço que não lutou foi aquele que expulsou os holandeses do Rio Grande do Norte e Pernambuco, que fez causa comum com os negros nos dias da Abolição, é o soldado da borracha que entregou a Amazônia ao Brasil, o bandeirante que dilatou as nossas fronteiras, o herói de hoje que faz a marcha do oeste, ligando o país de norte a sul através da rota Belém-Brasília. Os degenerados e histéricos mestiços seriam alguns dos nossos melhores escritores, poetas, soldados, estadistas. Seria, inclusive, o próprio Euclides, em última análise”.

Antônio Conselheiro era, para Euclides, o “gnóstico bronco”. Produto de taras genealógicas, fruto de **gens** conturbada e aflita.

Sem dúvida, poderemos afirmar, e a larga paisagem dinâmica do Nordeste nos está a mostrar, com suas usinas de eletricidade, suas represas ciclópicas, sua açudagem de pequenos mares interiores, se, ao tempo de Maciel fosse outra a condição econômica da região, mesmo aquela árida e terrível do “raso da Catarina”, não teríamos tido o aparecimento desse abantesma social! Se *Os Sertões* foi um livro marcante da Raça,

ao jeito de um *Fausto* para a Alemanha, de um *Paraíso Perdido* para a Inglaterra, de uma *Divina Comédia* para a Itália, de um *Lusíadas* para a Lusitânia, de um *Don Quixote* para a Espanha, de um *Gargantua e Pantagrue* enchendo toda a França do século 16, de um *Facundo* para a Argentina, Euclides da Cunha foi o “gênio da denúncia”, como o crismou Paulo Dantas, ensinando brasilidade aos brasileiros, heroicidade aos militares, arte de escrever aos que de fato o entenderam, grandeza de coração e patriotismo a todas as gerações!

Visão científica

Há que ver em sua obra o desejo veemente da síntese, a ânsia da interpretação científica, a vertigem dos conceitos filosóficos, que pudessem espartilhar ao homem do agreste, impecavelmente.

Por aquela época andávamos a descobrir a Europa, com a sua Sorbonne e o seu “Moulin Rouge”.

Era chique ler-se Júlio Verne, fazia parte da educação citar-se a Salpêtrière, como centro de estudos médicos.

Durante a época de Euclides da Cunha, a humanidade principiava a enlouquecer. Os primeiros sinais eram visíveis.

A literatura científica começava o balbuciar. Analisar o mundo, pela imaginação, era moda. Os escritores procuravam estudar a América através do figurino europeu.

Fórmulas, esquemas, tendências. Onde existisse um grande nome a citar, fazia-se ponto final no raciocínio. Uns, adiposos na sua literatura, transportaram Paris para o Brasil, escrevendo facécias sobre tipos de “boulevard”, como se a janela dos seus valhacoutos se debruçasse na Place Pigalle ou na “bute” de Montmartre.

Os seus livros possuíam o odor dos vasos noturnos do Quartier Latin, de Montparnasse. A moda era ser francelho, rabis-

car sobre os sovados gatarrões de Paris, esquecendo o caldeirão onde se derretiam...

Do Norte ao Sul, os intelectuais sonhavam com a França, escreviam sobre a França, viviam na França. Cheios de motivos sul-americanos, cercados de um fabuloso mundo virgem, preferiam cheirar os fundilhos das "midinettes", fuçar nos alfarrábios dos buquinistas, às margens do Sena, infectar-se da sífilis gaulesa.

A Rússia, com os seus românticos romancistas, a Inglaterra com os seus poetas heroicos, a Itália com o seu sensualismo harmonioso, a França, a Eterna, a Doce, a Maravilhosa França com os seus editores, as suas noites do "Bal Tabarin", a sua "Rotisserie de la Reine Pedaucque", esse era o mundo em torno do qual vibravam os escritores brasileiros.

Parecia mal não ter um artigo de jornal, uma crônica, uma reportagem, sobre artistas ou coisas da vida francesa. Conhecia-se mais os recantos, buates e bistrôs de Paris do que as esquinas do Rio de Janeiro ou as praças da Bahia...

Não se havia ainda instalado em nosso país a doença das importações culturais dos "States", com os seus vícios, os seus transviados, os seus ritmos alucinantes a envolver tudo na onda enorme e confusa do "jazz".

Então, a influência era a do esterlino e a França brilhava como um medalhão de ouro no peito do mundo.

A suavidade de sua poesia, "le sanglot long, des violons de l'automne", a beleza de suas noites que começavam cá em baixo num olhar e terminavam entre as estrelas, o murmúrio do Sena nos muralhões da Notre Dame, santificando-lhe as águas, o vasto e esmagador cenário da Lutécia como síntese da vida e da arte, consumindo a fortuna de ianques e latinos, tudo compunha a sonata cultural que dominava a América. Era belo, mas era estranho.

O que não trouxesse um sopro de Instituto de França, o que não viesse com o selo da velha Gália, perdia em grandeza e entusiasmo criador.

Repetiam-se as mesmas frases, rebatiam-se os mesmos jargões, amassavam-se idênticos conceitos, reproduzindo-se, nos livros dos nossos escritores a vida decadente da Europa.

Eis o que significou a clarinada de *Os Sertões*, a personalidade inconfundível de Euclides da Cunha.

Ele deu meia-volta aos motivos centrais do seu tempo. Fez o Brasil rodar para dentro de si mesmo, olhando-se, investigando-se, interrogando-se, medindo-se, no tempo e no espaço, num sentido autêntico de nacionalismo.

Foi um exegeta do nosso sertanejo, um descobridor de tipos, um entusiasta da nossa terra e da nossa gente.

Fez literatura nativista, da mais viva e da mais pura, derramando sobre ela, ingenuamente, aos golfões, uma série de conceitos científicos inadaptados e errôneos.

Era ainda o prestígio da Europa, desvirtuando a visada do gênio. Era o perfume da cultura europeia desnordeando o faro agudo do perdigueiro nacional.

As criptas escuras do psiquismo

Disse eu, em desprezioso comentário, que a sociedade moderna, à altura de 1900, começara a elouquecer. Então, esbarra-se no conceito clássico, psicopatológico, da loucura. O que vemos por toda parte é uma disseminação cada vez maior da esquizofrenia. A civilização do Ocidente está minada pelo desequilíbrio sociocultural.

Não existe mais o pensamento da velha psiquiatria, que diferenciava o homem-são, do homem-doente, pela aferição **qualitativa**.

A angústia de Kierkegaard invadiu todos os territórios do pensamento. A somação de todas essas angústias deu no clima de insuportável crepitação do mundo moderno.

Ao tempo de Euclides, a "science-fiction" era terráquea, desvendava mistérios geográficos, invadia zonas desconhecidas, conduzia o gérmen daquilo que terminou por fazer dos Estados Unidos um colosso que foge de si mesmo...

Júlio Verne era o tipo clássico do "science-fiction" da era euclidiana. A viagem ao centro da Terra, a deliciosa aventura de Keraban em torno do Mar Negro, a maravilha das Vinte Mil Léguas Submarinas, o drama do Capitão Hateras no polo, a Aventura dos 3 Russos e 3 Ingleses, tudo ao sabor da ciência mais pura, porém com uma convicção: "a vitória do Homem, o homem com os pés na terra ou nos aparelhos, descobrindo o seu mundo, vencendo pelo conhecimento e pela cultura. Parecia uma literatura didática, embora espevitante. Era só o começo da doença kierkegaardiana. Procurar em que crer, buscar um objetivo no qual fixar-se. Isso é angústia, sem dúvida, a face ostensiva da estonteante angústia do homem moderno.

E Otto Maria Carpeaux crê que essa angústia de Kierkegaard é uma falta de apoio cósmico do Homem. É uma procura, uma tentativa, uma desesperada investigação.

Da mesma maneira que afirmamos que a civilização moderna do Ocidente é uma adaptação à velocidade, temos que reconhecer que o desaparecimento da exploração do homem pelo homem anula todos esses abantesmas, afasta do ser humano essa tendência à angústia kierkegaardiana e proíbe, espontaneamente, a eclosão dos dramas à Kafka, por ausência de substância.

O que acontece na civilização ocidental, que é uma adaptação à velocidade, é a procura, fixa e inexorável, do psiquismo humano à fuga.

O "science-fiction" revela essa angústia, essa adaptação à velocidade e essa fuga. A esquizofrenia do momento é uma fuga permanente ao fantástico drama da escravidão social do homem. A provocação do século é a transformação do homem-indivíduo pelo homem-Gestalt, o homem social. O desdobramento está

com o gérmen no ventre do século, no sangue do organismo moderno e não admite a técnica da rebeldia justiceira de Kafka ou a climatização interior patológica de Herman Hesse.

Homens adultos, velhos, leem e se deliciam com histórias em quadrinhos, com os Flash Gordon, os Buck Rogers, os Capitão Marvel, os Super-Homens e até os Super-Ratos, criaturas de um mundo alucinado, que vai da infância à maturidade na mesma evolução esquizofrênica, na mesma tendência à fuga, que é a única defesa do homem ocidental à infalível epidemia psicopática da atualidade.

Declara com fundas razões o Sr. Otto Maria Carpeaux que “na Terra há problemas mais interessantes do que na Lua ou em Marte”. A fuga é, pois, um sintoma patológico de alienação social, levando as multidões desorientadas pela opressão, pela miséria, pelos problemas sociais, à crise que se avizinha e dentro da qual se cumprirá o vaticínio dos Evangelhos: “Não restará pedra sobre pedra”.

Nem Ruyer, no seu meticuloso *L'Utopie et les Utopies*, nem Heinlein com o seu *O Homem que vendeu a Lua*, nem Bradbury com o seu *The Martian Chronicles*, ou os existencialistas Bobbio e Simak, e Tubb e Van Vogot, nenhum deles perderá sua atualidade, dentro do conceito verídico da alucinação social, criando uma sociedade doente, enferma, angustiada.

Em Euclides da Cunha, a angústia o conduziu a projetar, sobre a imensa e ululante sociedade amorfa e resfolegante de Canudos, a sua própria personalidade.

O desassossego do testemunho

O século começava a enlouquecer. É necessário que se olhe um pouco para determinados ângulos da personalidade do monstro e ter-se-á, em “close-ups”, motivos e pretextos para

saber-se, por extenso, até onde penetrou, no campo social, o temperamento árdego e indomável do “gênio da denúncia”.

A sua reportagem sobre a Campanha de Canudos, dos frêmitos de Monte Santo ao massacre do Cambaio, foi uma catarse emocional de personalidade.

Extravasou o seu psiquismo, enveredando pelas cumeeiras da ciência em voga, antolhada e difícil, desnorteada nas suas legítimas diretrizes, buscando nos fatos naturais, na ciência da terra, motivos essenciais à tragédia, que desfilou diante dos seus olhos espantados.

Por essa época, a “science-fiction” ainda não atingira, como de resto a doença social, um **clímax** de fuga vertiginosa, como o de hoje.

O escritor analisava o seu mundo, para os que dele ignoravam. A Terra ainda não estava esquadrinhada e deserta para os arremessos da imaginação angustiada. A fuga ainda era fácil. Para um escritor brasileiro, falar dos sertões maninhos, absolutamente virgens à nossa percuciência, era como a Júlio Verne, descrever as savanas da África central ou as banquizas do Ártico, com os seus rebanhos de lemíngues.

Hoje, a “science-fiction” invadiu as órbitas planetárias. As pistolas atômicas atemorizam seres aracnídeos de Marte e Vênus, cavam “hole foxes” na Lua e já pensam em Ganímedes, na órbita de Júpiter, da mesma forma que a astronomia já considera artificiais a Fobos e Deimos, os dois satélites de Marte, observando os seus movimentos retrógrados de translação.

O homem ocidental, inteiramente alucinado, busca, nos espaços etéreos, alimento para a sua doença vertiginosa.

Comprimido como um bagaço de laranja pela exploração do trabalho e pelo esmagamento de todas as crenças, foge.

Mas a Terra já é um planeta superdevassado. Surgem, então, dois métodos de viagem: um para dentro, engendrando motivos inexistentes e caindo na enfermaria dos hospitais, no

rumo de Kafka ou de Hesse; o outro, na vertigem dos foguetes, buscando astros e estrelas, com a audácia dos Super-Homens...

O "Homo Neanderthalensis" foi substituído pelo "Homo Gestaltensis". A evolução não conforta, não premia, não dá esperanças. A esquizofrenia é a moeda que corre no presente, enchendo os bancos sociais do futuro.

O paradoxo é atroz. Num século em que se está destruindo a lepra, a tuberculose e a poliomielite, num momento psicológico em que a virologia está quase pegando pela gola o responsável pelo câncer, a esquizofrenia assume caracteres de pandemia irremediável. A vingança morbígena passou do plano somático para o psíquico e deste para o artístico e literário. Os que não têm imaginação, e não podem acompanhar, seduzidos, o mistério espacial dos **discos voadores**, encham as páginas dos jornais com suicídios em massa.

O "rock'roll", o "calipso", o delírio das lambretas, a desordem moral dos lares, o extermínio da autoridade paterna, os romances de taras, os dramas sombrios, a insensibilidade às agressões à honra e à virtude, tudo faz parte da tragédia esquizofrênica do século. A "science-fiction" é uma janela de evasão. É um escape.

Uma claraboia no turbilhão

Há um clima de fuga em Euclides da Cunha, quando não responde às verdadeiras razões sociais de Canudos e quando procura, na política ultrapassada, um remédio para o descalabro brasileiro, já àquela época. Isso se encontra numa carta, escrita pelo Mestre de *Os Sertões* a Francisco Escobar, seu amigo. Note-se, em toda linha, a derrota ideológica do homem, as contraturas de sua indizível decepção, a consciência de um fim de tempo no qual, como um mártir, ele aconselha atolar-se na resignação.

Leia-se a carta:

“Lorena, 21-4-1900. Escobar, respondo a tua última carta. Ontem te escrevi. Mas como é preciso responder logo a tua pergunta inspirada pelo último discurso de Martim Francisco – renovo a carta.

Também me impressionou aquela belíssima oração – embora aquele homem tenha o mais desastrado dos critérios, como historiador. Veja o que diz ele do padre Feijó – cujo perfil napoleônico e escultural é certamente a mais bem-acabada figura de lutador de toda a nossa história. Revolta-me vê-lo tratado daquele modo. Por outro lado quanta verdade considerando a nossa situação atual! E que adorável ironia! E que felicíssima descoberta deste Pais Ferreira, cuja face murcha orlada de umas suíças safadas é a fisionomia exata – (um prodígio de síntese orgânica) dos nossos políticos. Mas penso contigo: a nossa raça (?) está liquidada. Deu o que podia dar: a escravidão, alguns atos de heroísmo amalucado, uma república hilariante e, por fim, o que aí está – a bandalheira sistematizada. A monarquia só nos poderia salvar se fosse heroica. Uma monarquia guerreira e atrevida. Imagina um Carlos XII arremessando-nos sobre o Prata e subjugando a Argentina... Mas onde o encontrar? E onde estão os suecos? Quer isto dizer que a restauração não resolve o problema. Resignemo-nos”.

Eis o retrato da fuga frustrada.

A “science-fiction”, mais tarde, daria frutos no *Contrastes e Confrontos* e, por fim, no *À Margem da História*, saciar-se-ia na vorticosa bacia amazônica, túmulo de todos os neurastênicos, berço de homens-sínteses, testemunhas do período neolítico nos seus métodos de trabalho, sofredores do feudalismo mais remoto e cujos brados enfermos a floresta deglute, sem vestígios...

Uma das teses de Euclides da Cunha, em pleno regímen de “science-fiction”, fácil de compreender-se ao princípio do século, mas desmentida pela observação moderna, é o apodo lançado ao rio Amazonas como rio-réprobo, rio-sabotador, rio-impatri-

ota, que arrasta a Amazônia para o golfo do México, lançando sobre o Yucatã as nossas terras, roubadas ao Brasil.

Em 1900 era possível uma visada como essa, iludido o observador com a viagem aparente das ilhas transitórias...

Hoje, sabe-se que o rio Amazonas está provocando no seu estuário, mercê do carreamento dessa tonelagem de "humus" e muito mais pelo represamento natural, um açoreamento permanente.

Fecha-se, lenta e fatalisticamente, a chanfradura amazônica. As enchentes em todo o vale são cada vez maiores e os ciclos das enchentes catastróficas se fundem, cada vez mais próximos.

As vasas, depositadas na boca do gigante, formam as "terras imaturas", de constituição recente, ótimas para a agricultura, na distribuição dos **schorre** e dos **slike**, recobertos de mangais, formando lagos represados, lagos de barragem, que serão transformados em "terras firmes".

O golfo amazônico aumenta, progressivamente, as suas ilhas deltaicas e eleva, a cada enchente, o nível de suas águas, relembrando o Mar Interior do período terciário.

Na trama de Breves, essa colmatagem incessante dos antigos "furos" dará, sem dúvida, à fisionomia do estuário, um aspecto de emparedamento. O destino aluvional das várzeas não é fugir para o México. É formar, pela sedimentação, novos territórios de cultura, inclusive determinando, à bacia hidrográfica, uma autodefesa na sua ulterior configuração lacustre, desmesurada e intraduzível.

Bem estudado pela alta competência do professor Antônio Teixeira Guerra, o fenômeno das "rias dulcelíquidas" da foz do Amazonas, foi ele também objeto de atenção de Pierre Denis, Gourou e Ruellan, numa pesquisa de interpretação. O rebaiamento do fundo oceânico gera essas "rias", sem imobilizar o conceito que defendemos. Há um açoreamento intensivo, que bem pode ter começado quando o rio Pará, para mim um dos

canais do rio Amazonas, era somente um dos seus braços, recebendo o apoio do Tocantins, como um subsídio.

Breve, teremos que drenar a embocadura norte do titã, que hoje, com os estudos recentíssimos, acompanhados pela reportagem de *O Globo*, do Rio de Janeiro, numa das mais sensacionais viagens do mundo, em todos os tempos, dá ao Amazonas, nascente no Vilcanota-Yucaiale, nas vizinhanças do Titicaca, com uma extensão muito superior à do Nilo e à do Mississipi-Missouri, acabando de vez com a veleidade alienígena em torno do soberano do universo.

Teremos de drená-lo, se quisermos permitir-lhe o ingresso de embarcações de médio calado. Os "deltas laterais", da própria concepção euclidiana, serviram de espinhos, arrefecendo essa "ânsia condutora" e dando, ao arquipélago do grande canal, o papel de barragem natural, para formação de novas extensões de terra arável.

A visão de 1900 foi devorada pela realidade de mais meio século. O "science-fiction" foi, mais uma vez, a fuga.

O dono do cérebro

Quando divergimos de Euclides da Cunha, cientificamente, consideramos o seu raciocínio na ciência social. Não chegaremos ao destempero de julgá-lo um simples manipanço de Orville Derby, no manejo da ciência natural. A geologia era um dos seus temas de sedução e nela Derby prestou-lhe auxílio incontestável. Mas a meticulosidade no descortino dos fenômenos, em Euclides, era tão firme e tão à flor da pele, que Alberto Rangel viu nele o "dom de adivinhar" e sentiu que sua "alma era educada nos êxtases do patriotismo, na sensibilidade das grandes causas do mundo".

Escragnolle Dória declarava que, em toda a vida de Euclides, "uma coisa jamais nele arrefeceu: o amor da Pátria". E foi

por esse sentimento, alto e vertical, que Afrânio Peixoto disse dele “que fora o novo bandeirante de uma nova entrada pela alma da nacionalidade brasileira”.

Nas ciências naturais, nada obstante o poderoso amparo de Orville Derby, foi ele o dono do cérebro.

Catalogou cerca de 34 espécies vegetais nos sertões da Bahia. Viu, como ninguém, a botânica dos descampados, das aglomerações xenófitas, mergulhando nas savanas para surgir com um verdadeiro tratado de botânica paciente. O “trecho maldito” da geografia dos ineptos, o sertão adusto e majestoso, compareceu no seu livro como um novo manancial florístico.

Assim o foi com a descrição das “favelas”, vegetais ignotos até esse momento, de folhas cáusticas e frutos sazoados, no gênero das leguminosas; o umbuzeiro, essa vaca vegetal do Nordeste; o araticum, o ouricuri estoico, a mari esgalga, a quixoba modesta, as palmatórias que alimentam, “in extremis”, os mandacarus, talhados a foice, o juá que sustenta os animais, os cunanãs, “dependurando-se dos galhos como grinaldas fantásticas”, o candombá, cujos galhos incendiados espantam as onças deslumbradas nos desvãos da caatinga...

Foi um botânico, sério e atento.

Gog e Magog

Há uma transferência de personalidades, à análise de *Os Sertões*. Euclides era um homem de costumes áridos, rijos, ásperos.

No fundo, era um vingador. Ele sentia isso, fervia-lhe isso nos nervos, no sangue, na consciência. O espetáculo confrangia. Um país imenso, de úlcera no estômago, estendia a língua sobre o Atlântico, esperando a gota de champanhe francesa. Uma sociedade inteira, de pernas atoladas no mar, levando ao lombo uma bagagem sinistra de atraso, de ignorância, de miséria social,

dava-se ao luxo de conversar em francês, de esquecer as suas substanciais populações hinterlandinas.

O psiquismo do mago da literatura nacional eriçou-se em revolta diante dessa corrosiva indiferença.

Das calcinhas de renda aos brincos primorosos, as nossas damas eram vedetes de Paris, sobre um baixo fundo social de lesmas humanas.

Um sertão, sem termo, bradava, atroador. Uma charneca, povoada de visões e de esqueletos, como em grande parte agora, criava duendes horripilantes, seres de uma antologia de mártires, que ainda vemos a cruzar rodovias distantes, clamando sem cessar no amplo deserto nordestino. A diferença é pequena: o jagunço de ontem tornou-se o "pau de arara".

Ainda na carta citada, Euclides revela esse sentimento espinhoso: "Quanto ao livro, o Laemmert pelo que vejo não o dará no fim deste, como está escrito no contrato. Está pronto apenas a 1.^a parte e começada a 2.^a. Em todo o caso tenho recebido as provas tipográficas e creio que a publicação se fará até fins de maio. Seja como for, porém, alenta-me a antiga convicção de que o futuro o lerá. Nem outra coisa quero. Serei um vingador e terei desempenhado um grande papel na vida – o de advogado dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha, cobarde e sanguinária...".

O vingador! Isso ele o foi e se confessou. Mas o que terá sido também Antônio Conselheiro? Que estranha semelhança entre os dois regímenes de conduta! Euclides sentia-se transfusionado no seu personagem, era um "alter ego" do místico de Canudos, era uma feição daquele drama inenarrável, conduzia dentro de si o brado de todos os oprimidos, levava consigo os clavinotes e as lazarinas da "rèvanche", compreendia o impulso daquela manada humana às ordens de um "out-law" histórico, sacudia-se de indignação diante da crueldade dos soldados legais, vibrava com os combates crepitantes, nos quais a estratégia cabocla era um lucilar de inteligência e de coragem, sentia que o

transcurso da guerra intestina, mesmo com a perda do objetivo, era uma formidável imprecação de ódio e de pudor, frente à insensibilidade litorânea!

O vingador Euclides foi a clava da justiça que Antônio Conselheiro deixou para a Eternidade!

Todos os dois homens místicos e secos, ambos silentes e profundos, ambos destemidos mas frios, ambos de aparência lógica com um turbilhão a agitar-lhes o íntimo, ambos irmãos da Morte, ambos fachos da redenção e da Dor, ambos abraçados no mesmo destino que terminou em dois túmulos de honra: um no templo arruinado de Canudos, o outro numa casa sinistra no subúrbio de Piedade, no Rio de Janeiro.

Euclides da Cunha dever-se-ia ver, de certo modo, em Antônio Conselheiro. Se este houvesse conhecido Euclides, ter-lhe-ia entregue o estandarte da rebeldia e da honra!

Os dois se completavam. O Caliban do agreste e o gênio eriçado da Metrópole; o bonzo crucificado na História e o escultor que o esculpiu para sempre. O ouvido sôfrego do jagunço, que escutou, alguns dias antes do fim, a última ordem balbuçada pelo seu Chefe, hirsuto e horrendo, levava uma vibração ignota de Euclides da Cunha.

Teria sido a síntese de todas as ordens da epopeia francesa de Waterloo: "Morram mas não se rendam!".

E é Euclides quem coroa essa hora espartana, ponteados os cabeços pelos últimos raios de sol na homenagem aos lacedemônios pardos:

"Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia cinco, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados".

Nesse momento, como se das cruzes da Troia do sertão subisse ao céu um monumento eterno, a figura de Euclides da Cunha quedou-se finda, na imortalização de sua própria vingança!

Sem dúvida, Euclides é muito maior do que *Os Sertões*.

Esse conceito brilhante de Gilberto Freire reduz ao seu limite o arroubo estonteado em torno de uma obra. A sua personalidade é, por si mesma, a maior glória da nossa literatura.

As etapas do tempo

JORNAL DE ALA, flor da imprensa literária da Bahia, na época inolvidável de Carlos Chiacchio, fez publicar a mais perfeita Cronologia de Euclides da Cunha. Sabê-lo excitado nos seus períodos mais alegres, duro e indomável nas suas reações mais íntimas. Aqui e ali pontilhado de efervescências, quase sempre dominado por um sentimento de solidude que o acompanhou até o túmulo, o seu destino foi uma amputação precoce, imobilizando-o na tristeza, com a perda de sua mãe aos 3 anos de idade.

Veio ao mundo na "Fazenda Saudade", em Santa Rita do Rio Negro, município de Cantagalo, no Estado do Rio, a 20 de janeiro de 1866. Daí, até a sua morte, a 15 de agosto de 1909, encheu o Brasil dos mais perfeitos artigos de estudo antropogeográfico, dos livros mais opulentos na descrição do nosso país e de nossa gente.

Publicou *Os Sertões* em 1902, o mais completo breviário cívico do Brasil; o *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus* em 1906; *Contrastes e Confrontos* em 1907; *Peru versus Bolívia* em 1902; *Castro Alves e seu Tempo* em 1907; *À Margem da História* em 1909.

Era do seu desejo escrever, conforme o seu Epistolário, outros preciosos trabalhos como: "História Sul-Americana", "Ori-

gem do Brasil Contemporâneo”, “História da Revolta” e “Um Paraíso Perdido”.

Sobre sua vida e sua obra escreveram, em altibaixos, Sílvio Romero, Francisco Venâncio Filho, José Veríssimo, Araripe Júnior, Alberto Rangel, Afrânio Peixoto, João Pinto da Silva, Oliveira Lima, Teodoro Sampaio, Lacerda Filho, Artur Mota, Roquete-Pinto, Coelho Netto, Arnaldo Pimenta da Cunha, Eloi Pontes e, entre os modernos, Afrânio Coutinho, meu ilustre colega de turma na Faculdade de Medicina da Bahia e um dos mais agudos críticos brasileiros, Paulo Dantas, Cassiano Nunes, Dorian Freire, Heitor Ferreira Lima.

Transcrevemos **data venia, ipsis litteris**, a sua Cronologia, tão rica de ensinamentos nos seus próprios silêncios, tão rara e prestante para um voo sobre o destino amargo desse condor do pensamento indígena.

1866 – 20 de janeiro – Nasce Euclides da Cunha.

1866 – 24 de novembro – Batismo na Igreja de Santa Rita do Rio Negro, em Cantagalo, onde o povo colocou depois, em um dos jardins da cidade, o seu busto.

1869 – Perda de sua mãe, D. Eudoxia Moreira da Cunha.

De 1869 a 1870 – Passou em Teresópolis, na companhia da família do Dr. Urbano Gouveia.

1870 – Perda de sua tia, Rosinda de Gouveia, sob cujos cuidados vivia.

De 1871 a 1873 – Em S. Fidelis, com sua irmã Adélia, na “Fazenda São Joaquim” de sua tia Laura, casada com o cel. Magalhães Garcez.

De 1874 a 1876 – Ainda em S. Fidelis. Primeiros estudos no “Colégio Caldeira”.

De 1877 a 1878 – Na Bahia. Com seus avós paternos. Estudos no “Colégio Bahia”.

1879 – No Rio de Janeiro, sob os cuidados do seu tio paterno Antônio Pimenta da Cunha, matriculando-se no “Colégio Sul-Americano”.

1879 – 25 de novembro – Presta o seu primeiro exame de português.

De 1880 a 1882 – Colégios “Vitória da Costa”, “Menezes Vieira” e preparatórios.

De 1883 a 1884 – “Colégio Aquino” e primeiras publicações em *O Democrata*, pequeno jornal de colégios

1884 – 15 de março – Exame de matemática perante a Esc. Politécnica.

1886 – 20 de fevereiro – Assenta praça na Escola Militar.

1888 – 4 de novembro – Incidente na Escola Militar.

(Abrimos um parêntesis. E como foi esse incidente? Que fim teve? Que observação nos resultou dele?

Urge repeti-lo, na referência de Heitor Lima.

Sob o sol carioca, que enchia o vastidão de um cenário de opereta, ia-se realizar uma cerimônia fardada. A velha Escola Militar da Praia Vermelha estava formada em posição de sentido, na solenidade do ato que se constituía na passagem em revista à

tropa de elite pelo ministro da Guerra do Império. A farsa estava preparada. O prestígio emocional da Monarquia periclitava. Minava-a a semente intelectual de Benjamin Constant, falando aos moços, os rasgos republicanos dos poetas e dos artistas. O mundo marchava. O Brasil organizava-se em novos moldes liberais. O barrete frígio volitava sobre a cabeça do índio. A cerimônia militar de revista era intencional, preparada com o fito de alicerçar o prestígio do trono, entre os jovens, neutralizando a propaganda subversiva.

Era o crepúsculo do reinado. Pedro II perdera em consistência, a sua impopularidade invadia todas as frinchas sociais, menos por ele do que pelo ridículo dos cortesãos, empanturrados em rega-bofes e promiscuídos em escândalos amorosos.

O clarim retine. A luz faz coruscarem botões dourados e cintos metálicos na cortina humana da juventude militar. Os rostos moços estão sérios. O ministro Tomaz Coelho, ao lado do comandante da Escola, avança em marcha lenta. Está grave e garboso. O povo, testemunhando o fato, cerca a praça, de longe, sob o abrigo do matacão de pedra da Urca. Perto dali, no começo do Brasil, desembarcara, cortante e decidido, Estácio de Sá, fundando a cidade.

Havia, no ambiente, um sopro de fatalidade. Beleza e ameaça. Súbito, do meio da tropa, rápido, ereto, olhos fuzilantes, surge um dos cadetes, diante do espanto do ministro da Guerra e do comandante da Escola Militar e, num gesto brusco, puxando a espada, quebra-a nos joelhos e joga-a num gesto de desprezo, aos pés de Tomaz Coelho.

Em seguida, vira-lhe as costas e se recolhe, intrépido e pávido, ao seu lugar. Quem fizera esse gesto republicano de protesto contra a farsa fora o cadete Euclides da Cunha!

Logo depois, foi expulso da Escola por "incapacidade física", dado como louco. Só um ano mais tarde, em plena República, o cadete revesso voltava à Escola, a pedido dos seus colegas, gloriosamente, concluindo o seu curso na arma de artilharia).

Retomemos à Cronologia.

- 1888 – 28 de novembro – Primeiro artigo no *Província de S. Paulo*, edição n.º 4.124, sob o título: "Questões Sociais".
- 1889 – 28 de janeiro – Ida para a Esc. Politécnica do Rio de Janeiro.
- 1889 – 22 a 28 de maio – últimos artigos da *Província de S. Paulo*, intitulados "Homens de hoje".
- 1889 – Vários meses: artigos na *Gazeta de Notícias*.
- 1889 – 19 de novembro – Reintegração no Exército.
- 1889 – 21 de novembro – alferes-aluno.
- 1890 – Janeiro – Conclusão do curso de artilharia.
- 1890 – 14 de abril – Segundo-tenente, depois do curso técnico.
- 1891 – dezembro – Completa os estudos na Escola de Guerra.
- 1892 – 9 de janeiro – Primeiro-tenente e praticante da Estrada de Ferro Central.
- 1893 – 22 de dezembro – Designado para dirigir as obras de fortificações das trincheiras da Saúde, contra os revoltosos.

1894 – 18 a 20 de fevereiro – Protesto pela *Gazeta de Notícias* sob o título “A Dinamite”.

1894 – Fevereiro – Dirigindo obras de fortificações junto às Docas Nacionais.

1895 – 28 de junho – Agregado ao Corpo do Estado-Maior de 1.^a classe.

1896 – 13 de julho – Saída do Exército.

1896 – 18 de setembro – Engenheiro ajudante da Superintendência das Obras Públicas de S. Paulo.

1897 – 14 de março – Primeiro artigo no *Estado de S. Paulo*: “A Nossa Vendéa”. Relativo à campanha de Canudos.

1897 – 17 de julho – Segundo artigo, no *Estado de S. Paulo*, também sobre Canudos.

1897 – Agosto – Partida para a Bahia.

1897 – 7 de agosto – Primeiro artigo da Bahia, para o *Estado de S. Paulo* escrito sobre o panorama da Capital.

1897 – 31 de agosto – Partida para Canudos.

1897 – 10 de setembro – Chegada a Canudos.

1897 – 9 de outubro – Volta a Salvador.

1897 – 17 de outubro – Partida da Bahia, de retorno ao Rio.

- 
- 1897 – Outubro – Chegada ao Rio. Publicação no *Jornal do Comércio* do plano de “A Nossa Vendéa”, duas partes: “A Natureza e o Homem”.
- 1897 – Outubro – Chegada a S. Paulo.
- 1897 – 26 de outubro – Último artigo do “Diário de uma Expedição”, no *Estado de S. Paulo*: “O Batalhão de São Paulo”.
- 1897 – Outubro – “Fazenda São Carlos do Pinhal”. Ataque do livro, com retificação e ampliação do plano primitivo de “A Nossa Vendéa”, para *Os Sertões*.
- 1898 – Engenheiro das Obras de São Paulo.
- 1898 – 19 de janeiro – Primeiros excertos dos *Os Sertões*, no *Estado de São Paulo*.
- 1898 – 5 de fevereiro – “Climatologia da Bahia”, no Instituto Histórico, porventura aproveitado em *Os Sertões*, que não se inclui nominalmente em sua bibliografia.
- 1898 – Ponte de São José do Rio Pardo. Trabalhos preliminares da ponte e, nos intervalos, retomada de *Os Sertões*, na barraquinha.
- 1900 – Maio – Acabamento de *Os Sertões*. Mandado à cópia do calígrafo Augusto.
- 1901 – 15 de janeiro – Promovido a chefe de Distrito.

1901 – 18 de maio – Inauguração da ponte de São José do Rio Pardo.

1901 – Dezembro – Carta de Garcia Redondo a Lúcio de Mendonça, apresentando *Os Sertões*.

1902 – Janeiro – Primeiras provas de *Os Sertões*.

1902 – 14 de maio – Primeiras páginas impressas de *Os Sertões*.

1902 – 10 a 29 de outubro – Correção a nanquim e ponta de canivete do livro impresso.

1902 – Dezembro – Aparecimento de *Os Sertões*.

1903 – 19 de fevereiro – Esgotada a primeira edição.

1903 – Julho – Segunda edição de *Os Sertões*.

1903 – 21 de setembro – Eleição para a Academia de Letras.

1903 – 20 de novembro – Posse no Instituto Histórico.

1904 – 15 de janeiro – Nomeado engenheiro fiscal das Obras de Saneamento de Santos.

1904 – 22 de abril – Exonerado a pedido.

1904 – Agosto – Nomeação para a Comissão do Alto Purus.

1904 – 26 de outubro – Mapa da região abrangida pelo litígio do Acre.

1904 – 13 de dezembro – Partida do Rio de Janeiro, no navio “Alagoas”, para o Amazonas.

1904 – 30 de dezembro – Chegada a Manaus.

1905 – 5 de abril – Partida de Manaus para as nascentes do Purus.

1905 – 21 de maio – Naufrágio de um grande batelão, com gêneros, utensílios e objetos da Comissão, na volta de S. Brás, no rio Purus.

1905 – 13 de junho – Em Muronal, primeira barraca peruana, no alto Purus.

1905 – 25 de junho – Em San Juan – Peru –, revolta de 5 soldados contra os expedicionários.

1905 – 14 de agosto – Chegada às nascentes do Purus, com reduzido grupo de temerários.

1905 – 23 de outubro – Regresso da Comissão a Manaus.

1905 – 16 de dezembro – Conclusão dos trabalhos em Manaus.

1905 – 18 de dezembro – Posse na Academia de Letras.

1907 – Abril – Esboço geográfico do departamento do alto Juruá e o contorno da fronteira com o Peru.

1907 – Publicação de *Contrastes e Confrontos*.

1907 – Setembro – Publicação de *Peru versus Bolívia*.

1907 – Outubro – Mapa da região compreendida entre os rios Acre, Abunã, Tahuamanu e Orthon.

1907 – 2 de dezembro – Conferência sobre “Castro Alves e seu Tempo”, realizada no “Centro XI de Agosto”, em S. Paulo.

1908 – Trabalhos no Ministério do Exterior.

1908 – Preâmbulo do *Inferno Verde*, de Alberto Rangel.

1908 – Maio – Carta de uma parte da lagoa Mirim.

1909 – 17 a 25 de maio – Prova escrita e oral do concurso de lógica no Colégio Pedro II.

1909 – 14 de julho – Nomeação para o Colégio Pedro II.

1909 – 21 de julho – Primeira aula no Colégio Pedro II.

1909 – Julho – Esboço da região litigiosa Perúvio-Boliviana.

1909 – 15 de agosto – Assassinado.

O ato brutal, trágico, cortante como um golpe de navalha, enlutou o país. Espaldeirou as consciências, violentou as atenções, sacudiu de norte o sul uma nação ainda emocionada com o surgimento de *Os Sertões*.

Foi uma sequência sombria de drama grego, ou a reprodução da descida fulminante do punhal de Brutus, seccionando a História.

39 dias depois desse golpe surdo e fundo no coração do Brasil, veio ao mundo o humilde escritor que vos fala. Nasci sob

a vertigem emotiva desse assassinato. Não poderia, pois, como artista, deixar de ser um euclidiano, vindo à luz sob o signo da desgraça de um dos maiores gênios do nacionalidade.

Surpresas literárias

Quando escreveu *Os Sertões*, Euclides não havia ainda lido os clássicos maiores do língua portuguesa. Foi por essa época que alguns amigos preciosos de São José do Rio Pardo lhe colocaram às mãos Vieira e Bernardes, Herculano e Camilo. A “Nova Floresta” foi como uma silva enfeitada que se abrisse à sua admiração. Vieira deu-lhe tónicos à arte de explanar. Nas estupendas reportagens de Olímpio de Souza Andrade, pesquisador infatigável, homem e repórter que percorreu com impressionante meticulosidade todos os varadouros literários do Mestre, seja nos ásperos caminhos da Bahia, seja nos refúgios remansosos da Paulistânia, nos recuados silêncios de S. José do Rio Pardo, encontramos fatos e narrativas que espantam, que perturbam, menos deprimentes que inéditas, sobre a monstruosa e inacreditável compositura de *Os Sertões*.

Iremos encontrar os legítimos colaboradores da grande obra. Iremos sentir as hesitações do gênio nos arroubos da História Natural, cujo bastão principal foi Orville Derby.

Iremos admirar-nos com o desconhecimento que Euclides tinha dos clássicos da língua portuguesa, ele que é, sem dúvida, um clássico. Iremos ver de como se alvoroçaram, na sua ingenuidade, os sertanejos paulistas que o assistiram, prodigiosos na sua inocência, como o foi Pasteur, esmagando e ignorando o motivo central da ovação que recebera na Academia de Ciências de Paris, arriscando ao seu acompanhante, à porta do anfiteatro majestoso onde estrugiam as palmas, esta pergunta: “Quem é o sábio que está recebendo essa homenagem?”

Áurea Ribeiro de Souza Andrade, Cornélio de Souza Leite, João Modesto de Castro, José Honório e Pascoal Artese foram testemunhas dessa época memorável.

Francisco de Escobar foi uma personagem central da era rio-pardense.

Prefeito da cidade e amigo fraternal de Euclides da Cunha, cultura sólida e lavada numa erudição cuidadosa e abrangente, Escobar foi um colaborador constante, um fornecedor de subsídios, um potencial de aumento dos já robustíssimos conhecimentos do escritor.

Era, na observação fulgurante de Souza Andrade, uma “espécie de cardeal Mezzofonti, lembrando também a figura singular daquele Tautphoeus que Nabuco fez reviver em *Minha Formação*, tudo sabendo, informando tudo sobre qualquer assunto, a qualquer momento, como se fosse uma enciclopédia; verdadeiramente, como o outro, “um sábio da Grécia, praticando, com o espírito e a inteireza pagã, a filosofia do Eclesiastes: **vanitas, vanitatum...**

Foi José Honório, íntimo do Mestre de *À Margem da História*, quem se escandalizou com as suas deficiências literárias, lendo e relendo como novidade a Vieira e Bernardes e os transformando em comentário de conversa trivial...

Tanto se arrebatou ele com a revelação desses dois condutores da dialética vernacular, que se apropriou da seleta de Honório, junto com um volume de Aires do Casal nunca mais os devolvendo...

Valdomiro Silveira refere que, conversando com Euclides, ficou estatelado com a declaração dele, afirmando que nunca lera nenhum dos prosadores portugueses. Isso poderia gerar a tese de que não é necessário lê-los para se ter um estilo perfeito...

Argumentando, Valdomiro pôs-lhe às mãos Herculano e Camilo, pedindo-lhe que lhe fornecesse mais livros desses clássicos, dos quais tanto havia saboreado. Bebeu o “Monje de Cister”,

avidamente. Dias depois, encontrando Valdomiro, despejou: “– Silveira, o Herculano é pesado!”.

Diante do impacto com que foi recebida a frase, acrescentou: “– Mas tem o peso do ouro maciço...”.

Gilberto Freire, autoridade nacional em sociologia, reafirmou Arrojado Lisboa, declarando que Euclides fora tonificado pelo auxílio técnico do sábio Orville Derby, em Geologia.

Não só Orville Derby, mas Teodoro Sampaio, também.

Euclides declarava, aos que conviviam com ele, não ter tempo para enredar-se nessas matérias.

Com uma vasta cultura, ele demonstrou que o enciclopedismo de sua época já não resistia ao mergulho das especializações.

Não foi, pois, pela ciência, que nós devemos considerá-lo. Foi um rio turbilhonante que, à foz, não tornava reconhecíveis as águas de nenhum dos seus tributários.

O que estarrece nele é a intuição e a Arte, o poder indigenista das suas convicções, a brasilidade do seu pensamento e o fulgor imortal dos seus tropos literários.

Quando o injuriam, o fazem movidos pelo despeito de jamais reproduzirem o seu estilo magnífico, a firmeza dos seus conceitos, a magnitude do seu sentimento, a alta e sonora expressão da sua revolta.

Quando o elogiam, o fazem, como eu neste momento, sob o signo mágico da fascinação e da prece, perdendo-se os seus críticos amáveis na inconfundível atrocidade do seu destino!

A razão oculta

A tortura que o consumia transformou a sua casa num sarcófago de emoções estranhas.

Suspendamos as pedradas que magoam, os ressentimentos que não se apagam como as luzes errantes sobre os paúis,

as agulhas da crítica superficial, cujo sentido é se cravarem na História, rasgando as memórias, inutilizando as reconciliações.

No rumor das palavras sem nexos, no burburinho dos comentários facetados das esquinas, na coruscação dos floretes acadêmicos ou no relâmpago terrível das navalhas de botequins, há sempre, a respeito da vida de Euclides da Cunha, uma deformidade que enclausura, da piedade, todos os que o cercavam.

Os refolhos de sua vida mais íntima estão ocultos sob denso mistério. Apaziguemos os rancores, bendigamos à Vida, nossa Mãe, escutemos os sinais dos tempos que nos levarão à justiça da História.

É humano lembrar-se que, até morrer recentemente, Dilermando de Assis, seu matador, conservava à cabeceira do seu leito, como um Evangelho de Civismo, o livro essencial de Euclides. Remorso? Não, o remorso não retroage, nem inclui a fascinação literária pura e simples.

Era amor revesso pelo monstruoso espírito de sua vítima eventual. Relembremos também a cena numa reportagem do *Correio da Manhã*, do dia seguinte à tragédia: "Euclides, entrando em casa onde os dois irmãos residiam, Dilermando e Dinorah, estava verdadeiramente desvairado.

Dinorah, que tomava café na sala, levantou-se, surpreendido.

"– Onde está Dili? – pergunta-lhe Euclides.

"– Ainda está deitado" – responde-lhe Dinorah.

"– Onde?" – insistiu o escritor.

"– Ali..." – respondeu-lhe Dinorah, apontando-lhe uma porta fechada por dentro.

Euclides da Cunha dirigiu-se para ela e procurou abri-la. Encontrando resistência, o escritor arrombou-a com um pontapé. O arruído fez Dilermando levantar-se de um salto, encontrando já à sua frente Euclides da Cunha, que apontava para ele

um pequeno revólver 'Smith & Wesson'. Um segundo depois, estalou o primeiro tiro, que se perdeu. Dilermando atirou-se corajosamente para o escritor, pretendendo desarmá-lo, o que não pôde fazer, recebendo, nessa ocasião, um tiro, que o feriu, ao mesmo tempo, no pulso, de raspão, e no peito. Um outro tiro foi ainda feri-lo no ventre, intervindo nessa ocasião Dinorah, que também quis desarmar Euclides da Cunha.

Este voltou-se rapidamente e alvejou o outro rapaz, ferindo-o também na base da coluna vertebral.

Nesse meio tempo, Dilermando armou-se do seu revólver, fazendo ele dois disparos para a parede, com o intuito de intimidar o seu agressor. Não logrou efeito esse expediente. Um novo projétil foi ferir Dilermando numa das virilhas, e ele, então, cego de dor, fez quatro disparos seguidos contra o autor d'*Os Sertões*, em cujo corpo se foram cravar as quatro balas, sendo uma sobre o rim, outra num pulso, a terceira no braço e a quarta no tórax, todas do lado direito. Tinham sido detonadas treze balas, ao todo. Mortalmente ferido, Euclides da Cunha cambaleou até a porta de entrada, onde foi cair estertorando. Mesmo feridos, os dois irmãos o apanharam e, em braços, um com uma bala na virilha e outro com outra na espinha dorsal, o levaram para a cama de Dilermando, onde ficou Euclides durante os seus poucos minutos de agonia. Pouco depois, no necrotério, foi visitado em primeira mão pelos escritores Medeiros de Albuquerque e Coelho Netto, além do representante do Barão do Rio Branco dentre a multidão de jornalistas e amigos, admiradores do gigante. Quem fez a autópsia no cadáver foi outro escritor, Afrânio Peixoto, por esse tempo diretor do Instituto Médico-Legal".

Essa a reportagem condensada do *Correio da Manhã*, o brilhante órgão da imprensa carioca, algumas horas depois do incidente.

Já nesse instante, *Os Sertões* viviam sob o travesseiro de Dilermando de Assis, como Bíblia de nacionalismo.

Chovia na manhã desse dia sinistro. Era um domingo de “chuva, umidade, lama e vento”.

Era o dia de Nossa Senhora das Angústias.

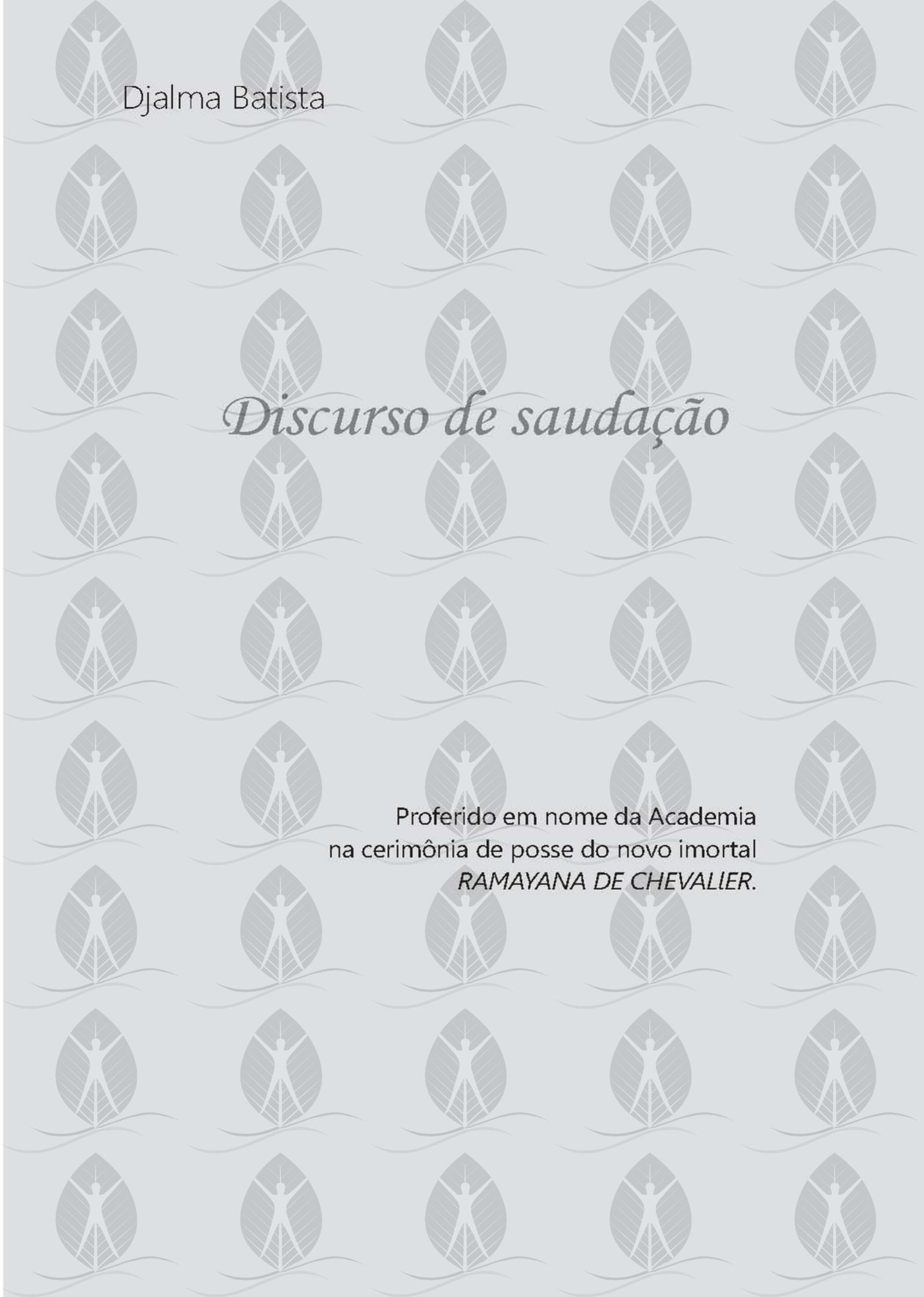
Ao saber do que acontecera, o pai de Euclides, Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, exclamou para Otaviano Vieira, seu cunhado: “– Mataram meu filho. Mas estou satisfeito, porque ele morreu em defesa da sua honra e do seu nome. Foi um digno”.

Terminemos este discurso, comovidamente.

Senhores acadêmicos:

Assim encerrou um capítulo escrito com o coração, sobre a Lâmpada Vingadora, o imortal Carlos Chiacchio, da Bahia: “Euclides não teve um amor à altura do seu gênio. E foi um mal para a sua pátria”...

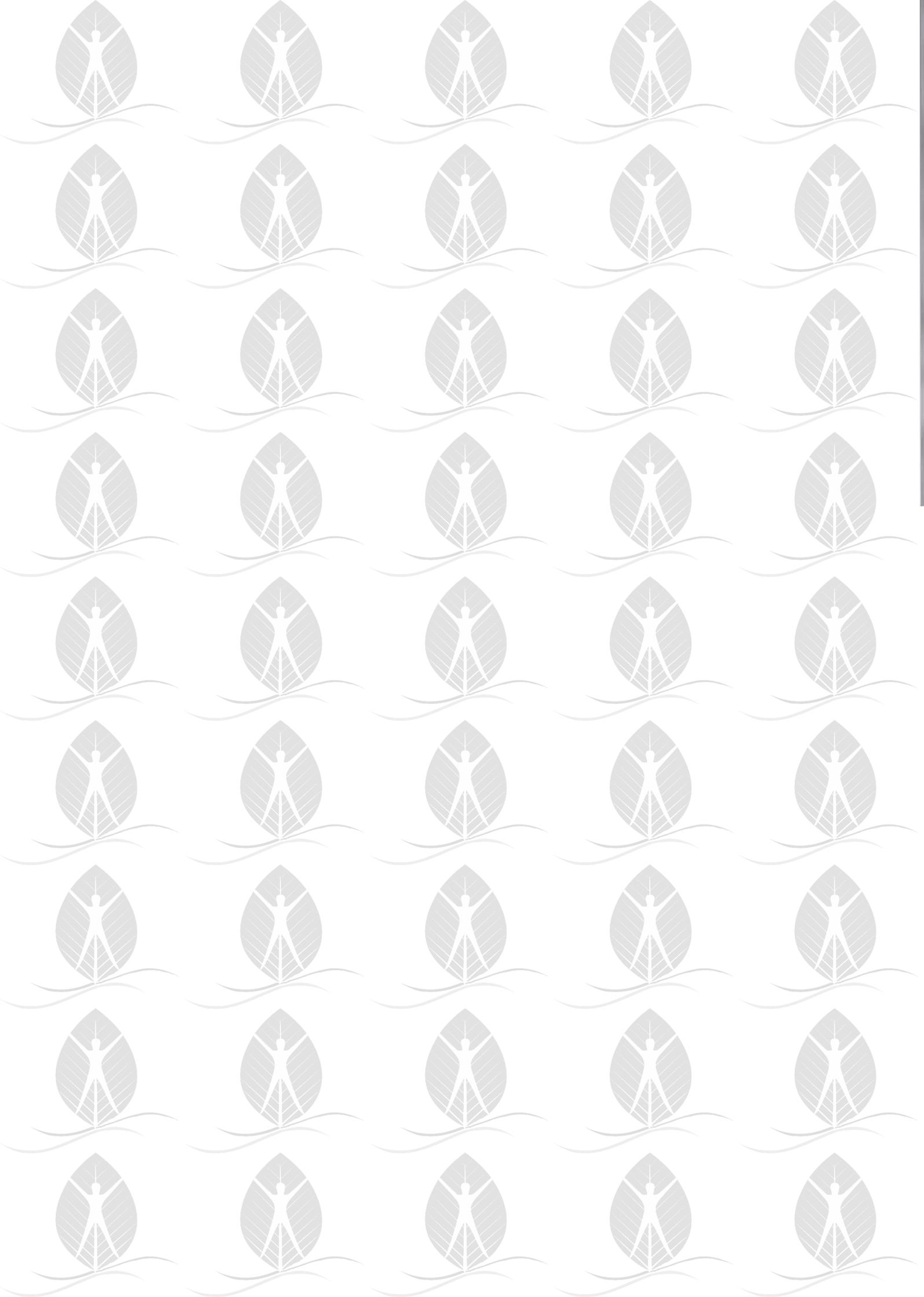
Não! Ele o teve! E não foi um amor puro e simples, foi uma paixão, uma insondável, miraculosa e profunda paixão pelo Brasil!



Djalma Batista

Discurso de saudação

Proferido em nome da Academia
na cerimônia de posse do novo imortal
RAMAYANA DE CHEVALIER.



Discurso de Saudação

Bem hajam os fados que vos conduziram a um lugar, nesta Academia, com o nome de Euclides da Cunha!

Há, em verdade, entre vós e o vosso potrono, um nexo não apenas cronológico, que há pouco assinalastes – ocorrido que foi o vosso nascimento 39 dias após a sua morte: sois um descendente de qualquer das três correntes oriundas da fonte euclidiana – pelo estilo, pela pujança verbal, pelo papel vingador e até pela busca de razões científicas que sempre fazeis para as afirmações mais ousadas.

Euclides, portentoso revelador da nacionalidade, de cujos 43 anos de vida não nos acercamos sem um desmedido espanto, tem em vós um continuador, sendo, como sois, um dos reveladores da Amazônia.

Confessastes que já éreis homem feito, e estava amalhada a vossa cultura, quando vos engolfastes na prosa de *Os Sertões*; e repetistes a história dos primeiros contatos de Euclides com os clássicos da língua, em S. José do Rio Pardo, já escritor, ao redigir sua maior obra, que é também a maior das letras do Brasil. Isto prova mesmo que Euclides tinha um posto entre os grandes do idioma, porque para esse posto nascera, sem precisar alcançá-lo por osmose ou alpinismo, da mesma forma que já tínheis, de saída, o porte euclidiano, sem vos precisardes mimetizar diante dos contornos do Mestre.

Dizendo isto, creio que já vos faço o elogio, e sem convenções protocolares.

Flagrantes de um destino

Para resumir, tudo em vós provém de um destino, a começar pelo nome – Valmik Ramayana – que reúne o poeta e o

poema, tradutores da inspiração e da sabedoria de milênios de civilização indu.

Filho de professores, nascido numa escola, e uma escola de nome ambicioso – Instituto Universitário – cedo vos acostumastes ao convívio dos livros e das lições, encontrando clima para o desabrochar de uma inteligência, que se afirmaria o maior de quantas já produziu a Planície.

Nascer na Amazônia foi outra forma porque o destino vos marcou. Trazeis no sangue o ardor e a revolta de Apolinário Maparajuba, o último cabano, do qual sois descendente; e na alma, o fascínio que o moço alagoano José Chevalier sentiu pela terra promissora da “tropical roin forest”, ele que para aqui viera, do sertão adusto, com o coração cheio de esperanças e de sonhos para a realização de uma vida intelectual. Maparajuba é um símbolo da revolução precursora, que deu à Amazônia prioridade histórica nos movimentos de caráter social dos trabalhadores do mundo. José Chevalier é um marco da resistência do homem planiciário, isto é, do homem que se identificou, pela adaptação, com o ambiente amazônico, procurando criar para as novas gerações, pelo cultivo da inteligência, meios para o domínio da natureza e condições melhores para a existência: o mestre-escola, assistido por uma boa, leal e esclarecida companheira, em verdade não pôde ser o poeta e o escritor com que sonhara, mas conseguiu fazer mais, sendo, como o foi, educador de uma geração amazonense, que teve em Leopoldo Peres o seu líder, e nos filhos, Ramayana e Carlyle de Chevalier, dois expoentes.

Carlyle tombou cedo, mal saído da velha Escola de Direito do Portão da Piedade, empunhando a tradução do famoso livro de história da filosofia de Landazuri, para o qual escreveu um prefácio à maneira euclidiana, isto é, superando o texto. Teria sido, sem dúvida, a serenidade diante do tumulto amazônico, o equilibrado balanceador da nossa sociogenia, e provavelmente o grande teórico da ressurreição.

Ficastes vós, porém, para cumprir o destino do cabano libertário, do pedagogo sonhador e do filósofo emancipado.

Um fato singular já traçara, desde a primeira infância, o vosso caminho – fato culminante, assinalando a vossa reminiscência n.º 1. Foi a passagem do cometa Halley, a que assististes, quase ainda na lactência, da janela do casarão da rua Dr. Moreira, que já tem a glória de ter servido de berço a pelo menos dois amazonenses da primeira linha: Arthur Cézar Ferreira Reis e Ramayana de Chevalier. Acompanhando o rastro luminoso do cometa, na noite fantasmal de 1910, mal acordado, passastes da vida medular à vida cerebral, e a imagem do astro famoso deve ter fundamentado impressionado o vosso sensorio: como que ele traçava, naquela passagem, das que realiza de 75 em 75 anos, isto é, de 3 em 3 gerações do homem, a elipse da vossa trajetória, que estais fixando numa trilogia, cujos primeiros capítulos tive a felicidade de ser dos primeiros ouvintes: “Luar sobre os Túmulos”, “Um homem sob o Sol” e “O Cometa Voltou” – livros que terão o título geral de *As 3 Faces da Angústia*.

Ficastes com o encargo, no intervalo das duas aparições do cometa Halley em nosso século, de iluminar, de maneira fulgurante, os lugares por onde passais, com o espetáculo pirotécnico de vossa eloquência, e de atrair para a Amazônia, como a estrela bíblica que clareou o caminho dos Reis Magos, a atenção de quantos leem as páginas empolgantes que tendes escrito e ainda haveis de escrever.

Acredito que olhando o mundo, pela primeira vez, através de um tal deslumbramento, tivestes a visão potenciada, a imaginação engrandecida, o entendimento multiplicado, – tudo concorrendo para que em vossa cabeça de eleito se instalasse um caldeirão que situa, nas vossas circunvoluções, um estado de alta temperatura para as ideias.

Anatomia de um homem

Tendes 50 anos ao entrar definitivamente nesta Academia, para a qual fostes eleito em 1937, então para a cadeira Cruz e Sousa.

Nesta altura, saudado por um médico, que se formou em permanente admiração pelo vosso espírito e que de longa data acompanha os vossos passos, permitireis que tente aplicar os nossos velhos métodos de estudo, dissecando a vossa vida cinquentenária.

Começarei pelo biótipo. A ossatura bem constituída deu excelente base física às inserções musculares, e a musculatura estriada, submetida aos exercícios percucientemente dosados, do grupo de escotismo do Instituto Universitário, embora não tenha definido o tipo atlético, impediu que se caracterizasse o tipo digestivo. Ao tempo da Bahia, seríeis um mesostênico de Walter Mills ou um tipo intermédio de leptossômico e atlético de Kretschmer.

Dos aparelhos, tanto o digestivo como o circulatório, o respiratório e o gênito-urinário, tiveram ótima embriogenia. A discreta culinária amazônica pôde ceder lugar, sem nenhum transtorno, à excitante culinária baiana, permitindo-vos tomar café com cuscuz de coco, e cear, de madrugada, uma muqueca de siri mole na Feira de Água dos Meninos.

O aparelho circulatório tem sido em vós de uma resistência incomum: vindes distribuindo o coração por este mundo afora, sem cansaços nem insuficiências...

Dos órgãos dos sentidos, creio que os que mais lograram desenvolver-se foram a visão e o olfato. Tendes olhos de lince para o que sucede em torno, e a vossa pituitária sempre hiperestesiada, fareja encantos nos odores penetrantes da raça negra e das mestiças, como nos perfumes suaves das mulheres supercivilizadas do nosso século.

Pudestes passar ainda incólume pela síndrome dos quarentões de Berardinelli, e não vos queixardes daquela “desilusão” do cliente que estava sentindo modificações quantitativas e qualitativas nas funções...

Em “Luar sobre Túmulos” está descrita a cena emocionante, com fundo musical de Debussy, em que Raul descobriu nas têmporas a prata dos primeiros cabelos brancos. O personagem não referiu porém o que sucedera quando o tecido adiposo começou a se depositar por debaixo do epitelial, fazendo crescer os diâmetros da elegância masculina...

Onde em vós caprichou mais a natureza, porém, foi no endocrinismo e no sistema nervoso. Deu-vos glândulas de células secretoras poderosas, solícitas às exigências discricionárias da fisiologia. E deu-vos centros nervosos superagudos, especialmente na calota cerebral, que é a sede das faculdades superiores, em vós realmente superiores e soberanas. Tendes reflexos instantâneos e que traduzem como que uma presciência, transformados em ação especialmente através da palavra, que de vós flui, espontânea e vivíssima, e da pena, que consegue registrar, em períodos encachoeirados, o tumulto de uma vida interior colorida e fantasmagórica.

Impressões caracterológicas

Encontro em vós os principais elementos para a classificação caracterológica entre os sanguíneos moderados. O arredondado do rosto não é tão pronunciado como nos sanguíneos puros, as têmporas um pouco achatadas, pômulos ligeiramente salientes, olhos proeminentes, lábios carnudos e bem desenhados, boca entreaberta – eis o vosso retrato, transcrito do livro de psicologia médica de René Resten.

O sanguíneo é um otimista. Em vós, há aliás um contraste: otimista o amazonólogo, pessimista o médico, que vem de diag-

nosticar na humanidade do século 20 uma forma generalizada de esquizofrenia. No pórtico de *A Catedral Silenciosa* o amazólogo escreveu: "Aqui começará o Brasil, cansado de sobremesas. Aqui terá início uma nova cultura. Uma nova civilização". O médico que acredita na conturbação das mentes pela tentativa de adaptação à velocidade, e na fuga à realidade através da **science-fiction**, é o mesmo que no "Tríptico em rubro e rosa" pergunta inquieto:

"Meu Pai, será que os que sofrem e suplicam, desesperadamente, nunca deixarão de sofrer, de suplicar?"

"Será que o ódio é a plástica do eterno na escultura de todos os milênios?"

encontrando afinal o rumo, embora titule esse rumo de "O Nada":

"Mas nós sentimos, meu Pai, que há caminhos... Há caminhos diversos, meu Pai, para a tua morada, caminhos tão diversos que os homens se perderam, pretendendo dominá-los, querendo a sua posse".

Felizmente o sanguíneo é também um ser fácil de se reconciliar. "Posso pois dizer que dentro do meu coração, como amazonense, não tenho inimigos... Mesmo aqueles com quem deixei de manter contato cordial, felizmente poucos, respeito e admiro, pelo valor que sempre demonstraram". Por isto vos encontramos em vários passos estendendo a mão a todos os homens da Amazônia, para uma frente única em favor do progresso: "Todos juntos, unidos, esquecidos de tudo, cheios de boa vontade e de solidariedade baré, trabalhando em conjunto para que a nossa voz seja ouvida, exigindo com energia, resistindo com coragem, afirmando a nossa decisão de levantar-nos para

um futuro brilhante e positivo". A emotividade é baixa entre os sanguíneos, e vós a esta regra fazeis exceção. Está escrito num de vossos poemas:

"O Sentimento é o meu grilhão de ouro".

No tipo caracterológico em que vos classificamos, a inteligência se traduz através de clareza e objetividade, e a vossa prosa e os vossos versos estão cheios delas, inclusive quando celebrastes "A Morte de um Lírico Odontólogo", evocando Tiradentes:

"Só porque pregado a um muro da cidade
estava um cartaz: queremos liberdade!".

O problema da metapsíquica vos empolgou, através de uma série de experiências, a que procurastes dar feição científica, de maneira conscienciosa e completa, tal qual o figurino dos homens de vosso carácter.

Como todos os sanguíneos, sois extrovertido, dando o braço a uma alma irmã para o "Pesadelo Marítimo de Passageiro de Transatlântico":

"Nosso navio dominará as ondas cegas
soltando pela ponta dos seios das marolas!
Nosso navio não tem noites nem auroras...
Nosso navio é jovem e eterno, veio do tempo
e ancorou no Sinai, desafiando abutres".

Procurais cercar-vos das coisas belas, agradáveis e úteis, especialmente da beleza do Amor, que é uma tônica, senão a única, de vosso temperamento surpreendente. Há uma sensualidade infusa ou explícita nos vossos atos e em tudo que escreveis, especialmente nos vossos versos: as imagens lúbricas se repe-

tem com uma constância que denunciam velhos sepultamentos freudianos... Segundo os tratadistas, não é próprio dos sanguíneos a fidelidade... E neste poema de dois versos está o vosso ato de contrição:

"Há três palavras eternas nos teus lábios:

Eu te perdoo!

Será possível que Jesus haja nascido antes de ti?"

É difícil saber para quem compusestes este poema: "Se tudo amasse como eu te amo, rebentariam jardins da ardência dos desertos, sorrisos à fisionomia parda dos paúis, músicas divinas dos élitros cavos dos escaravelhos..."

As várias faces do homem de letras

A biotipologia explica satisfatoriamente esses aspectos em aparência dispersivos de vossa personalidade, com um espectro de interesse intelectual larguíssimo, da ciência à literatura, do jornalismo à tribuna, da cátedra às investigações mediúnicas.

Formado em medicina, vos fixastes na medicina social, utilizando como moeda corrente, nos vossos escritos, a terminologia médica e imagens buscadas na medicina, que se infiltrou fortemente na vossa maneira de ser. De uma feita declarastes que, homem de gabinete, não poderíeis ajustar-vos à rótula dos consultórios. Através da medicina alcançastes uma visão que chamarei de estética da humanidade admirando nela a fisiologia antes da patologia, o geral antes do particular, a saúde, como a conceitua hoje a Organização Mundial de Saúde, não como o oposto da doença, mas como o bem-estar físico, social e econômico do homem.

Aqui em Manaus viestes a ensinar Biologia no velho Ginásio, Anatomia na Escola de Odontologia e Medicina Legal na Faculdade de Direito. Ouvi inúmeros depoimentos de alunos vossos, maravilhados com as vossas aulas – claras, metódicas, sugestivas. A criminosa subversão política que foi o Estado Novo, entre inúmeras atrocidades, sabotou a vossa carreira no magistério, e a de muitos outros que para ele tinham vocação, obrigando a uma desaccumulação para o que não estava o Brasil preparado. Perdestes vós uma rota, perderam os moços do Amazonas um guieiro. A tal ponto isto foi grave, para a cultura da terra e para a vossa economia, que tivestes de emigrar, alguns anos depois, à procura de condições materiais e de um ambiente, que deveriam existir ou ser criados em Manaus para um homem de vosso porte mental, constringido a viver do magro ordenado de capitão-médico da Polícia Militar.

No Rio, o jornalismo profissional vos fagocitou, e vos dissolvestes na batalha noturna das redações, nas aventuras das reportagens nacionais ou internacionais, inclusive como correspondente de guerra. Estabelecestes uma “cadeira elétrica” famosa, em que fostes impiedoso e feroz. Depois passastes à imprensa doutrinária, na chefia da redação do *Jornal de Debates*, que foi uma das catapultas do movimento nacionalista.

Em São Paulo fizestes uma peregrinação paciente, pregando amazonologia em conferências proferidas em centena e meia de cidades, – legítimo embaixador da nossa inteligência e da nossa cultura.

Cronista e poeta, já tínheis um lugar definido desde a Bahia, antes de 1930, no grupo de Carlos Chiacchio, que com tanto carinho evocastes no prefácio de *Fronteiras*.

Como escritor vos afirmastes, em 1935, publicando o *No Circo sem Teto da Amazônia*, em que procurastes fixar o drama social dos seringais. Três ou quatro anos depois veio a lume o *Fronteiras*, roteiro de viagem ao Acre e ao Guaporé, para o qual já predizias o nome de Rondônia, transformado num caleidoscópio

pio daquelas regiões distantes, cheias de segredos e de riquezas, onde se escreveu história de verdade, com sangue no Acre, e com suor e vidas na Madeira-Mamoré, – regiões estuantes de brasilidade. Gravastes, neste livro, a vossa mais completa definição da Amazônia – verdadeiro poema que ninguém escreveu igual, com orquestração euclidiana. “Só há uma monstruosidade nesta selva: a água. Ela, sim, é enorme, solapadora, infiltrante, voraz. É a hidromedusa. A terra é uma condescendência dela. As árvores são encharcadas dela. Água em caudal: o rio. Água em revolta: a pororoca. Água em êxtase: o lago. Água em grangrena: o igapó. Água em dispneia: o furo. Água em turbilhão: o salto. Água em delírio: o rebojo. Água em tortura: a lama. Água alegre: a corredeira. Água triste: o charco. Água em triunfo: o delta. Água humilde: a fonte. Água hipócrita: o remanso. Água vaidosa: a onda. Água em noivado: a espuma. Água em absurdo: a Amazônia”.

Só isto já consagraria um poeta, e dá bem a medida dos vossos poemas, à maneira deliciosa de Omar Khayam, os quais, reunidos em livro, terão o batismo de *Os 3 Degraus da Vida*. E é preciso não esquecer que há como um ritmo de três tempos nos títulos e na vossa própria obra literária, toda profundamente musical.

O orador começou a se revelar na mesma Faculdade que eu fui depois cursar, nela entrando com o salvo-conduto de uma carta de apresentação que mandastes ao mais querido e discutido de seus professores, ainda hoje moço, brilhante e com o poder de tatuar a mente de seus discípulos, – aquele Estácio de Lima que não podemos relembrar sem agradecer quanto de inquietude nos soube comunicar. Encontrei, na década de trinta, o eco de vossos discursos inflamados, a ressonância de vossa palavra fulgurante, lá na Bahia, onde a eloquência é um dom de Deus, como a beleza do golfão onde se reúnem todos os santos e como os encantos das mulheres mais lindas do Brasil. Ninguém esquecia o amazonense que fora orador da turma de 1931

e criara uma hora de deslumbramento coletivo; famoso também o discurso à beira da sepultura de Augusto Viana, antigo diretor da Escola, da qual dissestes depois, num verso enternecido:

“A Faculdade de Medicina é um luar...”.

Entre os vossos inéditos está um livro de evocações à Bahia, *O Dia, a Noite e o Tempo*, em que se espelha o muito que vos ficou no espírito, assim como no espírito de todos, que lá estudamos, de emoções vividas, de convulsões interiores, de sonhos e de encantamento, para uma saudade que cresce com os anos.

Neste meio século, portanto, a vossa inteligência se esbanjou às pampas. Fostes tudo que vos deu na telha de ser. Apenas não pudestes vos fixar em nenhuma atividade permanente, tamanha a inquietude de vosso espírito, constantemente excitado pelas ideias nobres e pelos êxtases da vida. Por isto não apareceram até hoje os quatro ensaios, os três romances e o livro de poesias prometidos em *No Circo sem Teto*. Se anunciásseis a publicação de um livro ou a realização de uma conferência sobre eletrônica, psicologia da “bossa-nova”, arquitetura moderna, cultura de milho híbrido, etiologia do câncer ou novos aspectos do genocídio, não haveria quem tivesse coragem de duvidar que não seríeis capaz de fazer o livro ou a conferência, revelando novidades e encantos em qualquer tema, isto é, todos vos sabem capaz de qualquer iniciativa no terreno das letras.

Com o que tem sido a vossa vida, repetis **ipsis litteris** o exemplo do rio Amazonas, – caudaloso, imprevisível nos seus movimentos, copilarizado em mil braços, milionário de sedimentos, devorador de terras caídas, construtor e destruidor de ilhas, tudo prometendo e tudo negando, – ansioso por um delta, impetuoso e belo.

Euclides, Ramayana e a Amazônia

Um observador arguto debaixo do nome de Euclides da Cunha, no exemplar de *À Margem da História* que herdei de um velho pioneiro enamorado da Amazônia, escreveu estas palavras: "Mais poeta e sonhador do que cientista, mestre do verbo, um pouco hiperbólico; erudito notável, sistematizador ousado; ideias novas, talvez interesseiras; não viveu bastante no Amazonas e Acre".

Tais observações, embora contundentes, têm muita coisa de verdade. Aquele "um tanto hiperbólico" como que repete a ironia de Nabuco: esse moço escreve com um cipó...

Concordo que Euclides foi muito mais artista do que cientista, porém não estou convicto de vossa tese, de que, em *Os Sertões*, "extravasou (ele) o seu psiquismo, enveredando pelas cumeeiras da ciência em voga, antolhada e difícil, desnorteada nas suas legítimas diretrizes...".

Euclides que era um sentimental ou um apaixonado, com uma fórmula caracterológica em que predominava a emotividade e a reação intensa da célula cerebral, vibrou profundamente ao contato do drama estupendo da coexistência de um outro Brasil, recuado de 200 anos no tempo, e cuja explosão, no limiar do século 20, encontrara na paranoia de Conselheiro o simples instrumento. Com o seu livro-depoimento ou reportagem desvendando "a rude sociedade dos vaqueiros" e denunciando o crime histórico que foi a campanha militar de Canudos, tornou-se no acendedor do rasilho que está vencendo o subdesenvolvimento nacional através das metas arrojadas de JK, coroadas anteontem com a inauguração de Brasília, onde se unificam os dois Brasis, da lúcida visão de Jacques Lambert.

A ciência, que serviu à interpretação do gênio da denúncia, era a melhor da época, difundida e cultivada no Brasil por Nina Rodrigues, que deu a Euclides o roteiro da antropologia e da psiquiatria, e por Orville Derby e Teodoro Sampaio, que sabiam

os segredos da nossa geologia. Acontece que as verdades da ciência são provisórias, e felizmente, porque "só as estátuas não mudam". A hemeralopia, por exemplo, que Euclides descreveu como "a pletora do olhar", reduziu-se a um simples caso de avitaminose A, impedindo a visão noturna dos carenciados...

Essa mesma ciência foi que permitiu o domínio da natureza, e a fissão do átomo e de seu núcleo; desmoralizou as distâncias com o avião, o rádio e a televisão, unificando os povos, ao tempo em que está criando condições higiênicas e adiantadas de vida.

Por outro lado, o despertar da consciência das massas fez com que se concretizasse a vulgarização do saber, quebrando o açambarcamento das escolas e universidades pelos poderosos. Os Estados Unidos tornaram-se grandes pela democracia e o regime socialista libertou milhões de muijiks da Rússia e está revitalizando a China milenária.

Como a imaginação e a inteligência não param, chegou a hora das explorações cósmicas e da astronáutica. Não é ficção, é uma realidade, que as revistas de quadrinhos, sucessoras de Júlio Verne, apenas antecipam.

Não creio que tudo isso traduza uma fuga, denunciadora da demência precoce da humanidade; muito ao contrário, acredito que represente um sinal de vitalidade da espécie, de certo sofrida, porque todas essas conquistas têm tido um preço muito alto, inclusive pela vertigem com que se tem processado. Realmente o novo mundo exigiu uma série de sucessivas adaptações do homem às novas condições de vida, dando azo a que a esquizotimia, que é uma condição psicológica normal, oposta, temperamentalmente à ciclotimia, progredisse muitas vezes até à fronteira do patológico, nas reações esquizóidicas. E quando o desequilíbrio atinge a condição definida da esquizofrenia, é a terapêutica moderna do eletrochoque que consegue ressuscitar a personalidade fendida.

O fenômeno, no seu todo, na sua filosofia, foi analisado com clarividência por Will Durant, quando assinalou que “em redor de nós todas as formas estão alteradas”, salientando “a áspera desilusão de nossas almas” – “porque o que sobretudo perdemos foi a perspectiva. Não temos propósitos que se projetam para além da morte; somos fragmentos de homens, nada mais...”.

Acredito, entretanto, que esteja em gestação uma filosofia dos novos tempos, resultante do duelo hegeliano da tese (espírito, isto é, ciência) contra a antítese (matéria, ou seja, economia).

Voltemos a Euclides da Cunha. Não sei, ninguém sabe, se ele tinha razão nas suas induções a respeito da Amazônia.

“– Última página, ainda a escrever-se, do Gênesis”

“– O maior quadro da terra”

“– O homem, ali, é ainda um intruso impertinente”

“– A adaptação exercita-se pelo nomadismo”

“– O Purus é um enjeitado”

“– A Terra é naturalmente desgraçada e triste, porque é nova”

“– Seleção telúrica, uma sorte de magistratura natural”

“– É por certo um clima admirável o que prepara as paragens novas para os fortes, para os perseverantes e para os bons” etc. etc.

Tudo isto realmente belo, belíssimo, porém em parte falso e em parte a requerer confirmação da experiência e da observação. E o pior é que tudo isto se incrustou no consciente e no subconsciente dos que lemos Euclides, ao jeito das imagens subliminares da televisão americana, reaparecendo de vez em quando no que dizemos e escrevemos, de maneira dominante. Ainda há pouco contestastes a noção espalhada do Amazonas, rio impatriótico, tema em que já se detivera o ensaísta Leandro Tocantins.

O que é certo e incontestável é que todos os intérpretes da Amazônia, os grandes intérpretes, são visceralmente euclidianos: Alberto Rangel não conseguiu conter-se, e escreveu a Péricles Moraes aquela famosa carta de Paris em que se defende da pecha de ser um sub-Euclides; mas apesar de realmente um escritor, Rangel ficou em plano secundário no *Inferno Verde*, diante do prefaciador. Raimundo Moraes, que possuía um acervo imenso de conhecimentos diretos da região, como nenhum outro autor, também tinha visível inspiração no manancial euclidiano; Alfredo Ladislau e recentemente Mavignier de Castro, autores de livros admiráveis, são, e sem demérito, descendentes do mestiço genial de Cantagalo, que se definira: misto de celta, de tapuío e grego...". E vós, Ramayana de Chevalier, ainda há pouco repetistes que Tasso da Silveira havia identificado em *No Circo sem Teto*, em Euclides, um dos filões que balizaram o vosso destino literário. Acabo de reencontrar o mesmo Ramayana, ao penetrar em *A Catedral Silenciosa*, livro inédito em que celebrais panteisticamente a Amazônia. "Louvor ao Eterno" é uma oração empolgante, cujo final vos assisti compor:

"Fizestes-me plástico como as tabatingas, rijo como as aquariquaras, forte como as roças da inhauira-ituassu, tímido diante de Vós como as sensitivas, ardoroso e candente como a jornada do Sol, puro como as águas que descem do altiplano, modesto como os aguapés, sonoro como os uirapurus, bravo como os rios anônimos, indomável como os temporais de Boiuçu, humilde adentro do meu coração como as alvoradas que se miram nos lagoas perdidas...".

É com certeza esse signo euclidiano que explica, paradoxalmente, por que a Amazônia ainda não inspirou a brasileiros os grandes romances que registrem a sua formação e a sua evolução. O português Ferreira de Castro, curtido na Amazônia Brasileira, o venezuelano Romulo Gallegos, criando *Dona Bár-*

bara no alto rio Negro, e o colombiano Eustásio Rivera, autor de *La Voragine*, que tem por teatro a região fronteira, foram os maiores romancistas da Hileia, responsáveis pela apresentação de sua humanidade perante a literatura universal. E é de lamentar que ainda não tenha surgido aqui um Jorge Amado, um José Lins ou um Érico Veríssimo, capazes de documentar, através de personagens vivos, o que foi o drama da conquista, o primeiro ciclo da borracha, o prestígio do navio a vapor, o esmagamento e a incorporação do silvícola, a tragédia da doença, a quantos e quantos temas por aí a exigirem um pintor, com a capacidade de um sociólogo e o fôlego de um historiador.

Reli agora, pela vez **n**, o vosso primeiro livro, convencendo-me de que é sobretudo um ensaio, antes de um verdadeiro romance: grande e vigoroso ensaio em que se debatem temas revolucionários, e no qual a paisagem fisiográfica e o retrato isolado valem por todo o enredo criado em torno do "ingênuo saltimbanco pelo circo sem teto da Amazônia". A descrição do "sacado", por exemplo, é perfeita: "E num dado momento, maravilhoso, violento, irritado, como um fauno lascivo e insatisfeito, o rio grimpa o derradeiro antolho e mergulha em si próprio, dentro no outro braço descoberto, unindo-se num abraço amigo e incoercível. É fácil adivinhar o resto do fenômeno. Aberto aquele conduto, escancarada aquela boca que lhe oferece um curso mais rápido, o talvegue desvia-se da sua rota, enfia pela gorja recém-nata e abandona, subitamente, a enorme curvatura. Os resultados são: um torcicolo a menos e um lago a mais...".

A figura do prático mereceu em vosso livro um retrato de corpo inteiro que só ele bastava para vos sagrar escritor: "No capítulo sensacional da anatomia hidrográfica da Amazônia, é ele um cientista sem guarda-pós. O seu anfiteatro é verde. A sua mesa anatômica é barrenta. O seu bisturi é o proa em lâmina do seu barco. O seu cadáver a escarpelar é o roteiro que ele mesmo esmiúça, investiga, descobre, baliza, em todos os rumos, nos capilares dos paranás, nas arteriolas dos furos, nas vênulas dos

sacados, com a precisão de um contumaz dissecador de vísceras. Quem o vir, olha-lo-á indiferente. Quem o conhecer bem de perto, das pulsações do coração ao brilho fulgurante do olhar, haverá de contemplá-lo, espantado e orgulhoso. Porque ele é a Amazônia”.

Em relação à paisagem e retratos como este, e a observações e anotações sem-número, espalhadas pelo vosso livro tumultuoso e estuante, não tínheis razão de dizer: “Vi a Amazônia com olhos toldados de amor, de sonho, de fantasia, de miopia romântica, o que resultou em hipertrofia, em deformidade, em angústias, umas verdadeiras e certas, vagas e desorientadas outras... Rumei, inexperiente, pelos mesmos trilhos dos alarmados escribas da Planície”.

Estava certa, porém, a vossa autocrítica no que diz respeito à trama do romance em si. Jacinto Gazela pode ter existido, mas não representa o seringalista da Amazônia, que, de uma maneira geral, foi o desbravador, o aventureiro, o seringueiro, a quem a seleção natural deu um posto mais elevado na hierarquia da economia e da sociedade em formação. Essa mobilidade social permite que o desnível não exija a proteção de uma guarda embalada à porta da casa-grande. E como conceber e explicar a deformação física que transformou Marcos Bororó numa face de “mucura”? Zé Raimundo seria realmente o tipo do nômade da Amazônia, se não lhe faltassem à história alguns tendões de sustentação. Mas Juca Borba é quem encarna o seringueiro, – doente, pobre, desconfiado, triste, isolado e órfão de esperança, resultado do sistema econômico baseado no extrativismo, que não permitiu nem permitirá a associação dos homens, a assistência do médico, a claraboia da escola, a proteção da justiça, o amanho sistemático da terra e a justa distribuição da riqueza. Daí a vossa conclusão: “A borracha, elástica e seduzente, é o visgo que congrega, na furtiva esperança de uma fortuna mendaz, o sociedade fictícia dos barrancos. Morta a esperança, resta a escravidão”. Escravidão econômica, sobretudo, que impõe “a lei

da selva”, maravilhosamente caracterizada em certos ângulos da vida de Zé Raimundo e Juca Borba.

Tendes carradas de razão ao dizer: “...no Amazonas, o mistério vive no pormenor. O segredo mora, como as estrelas da lenda, na igaçaba do mais humilde”.

É por isto que a Planície ainda se encontra no pé em que a deixou Euclides da Cunha: “conhecemo-la aos fragmentos. Para vê-la deve renunciar-se ao propósito de descortiná-la. Tem-se que a reduzir, subdividindo-a, estreitando e especializando, ao mesmo passo, os campos das observações...”.

Continua vigorando, portanto, a exigência dos estudos parciais e profundos, estudos objetivos, que felizmente se vêm fazendo com percuciência: Paul Le Cointe erigiu um monumento com a flora, da mesma forma que o sábio Adolfo Ducke, que foi o desvendador da floresta, continuado nos dias atuais, entre outros, por Murça Pires, Ricardo Fróes, Walter Egler e William Rodrigues; Charles Wagley deu cores reais à antropologia cultural, analisando cientificamente uma comunidade amazônica, e Eduardo Gaivão, e Geraldo Pinheiro, seguindo Koch Grünberg e Curt Nimuendajú, vêm desvendando novos relevos da etnologia, ao lado do arqueólogo Paul Hilbert. José Cândido Carvalho, como zoólogo, foi um outro Bates, perlustrando a flumilândia. Nelson Cerqueira está concluindo uma beneditina distribuição geográfica dos mosquitos da Amazônia, em que inclui mais de uma dezena de espécies novas, descoberta sua. Os técnicos da FAO inventariaram a floresta desde o Madeira até a Costa Atlântica, e traçaram numerosos perfis pedológicos. Os químicos Reinout Altman e Hilkias Sousa embrenham-se na composição das oleaginosas e plantas úteis. Harold Sioli vem dando novas dimensões aos problemas regionais com os seus estudos de limnologia. Luiz Montenegro anda a braços com questões de soroantropologia; Orlando Costa e os grupos dedicados do “Evanдро Chagas” e do Inpa, esmiúçam a patologia tropical; Cândido Simões Barbosa revela os segredos geológicos da Formação

Pirabas. E quem já leu estes nomes nas manchetes? São trabalhadores escondidos da seara da ciência e estou certo de que eles, e outros tantos, que não posso citá-los todos, serão molas decisivas no conceituar os rumos da Amazônia de amanhã.

Está nos faltando, porém, exatamente, o “técnico das generalizações”, o homem que tenha capacidade de reunir, interpretar e dar corpo a todos esses trabalhos parciais. E esse homem predestinado, Ramayana de Chevalier, sois vós, agora curtido em anos, amadurecida a inteligência, sedimentada a cultura, bateiadas as observações, sofreados os ímpetos de “um deslumbrado pelo idioma, pela Arte e pela Vida...”.

Acredito no fermento das ideias. E em última análise o que sois é um semeador de ideias, – ideias de fé na renovação do processo de vida da sacrificada população dos nossos dias, e de esperança na criação de condições propícias à incorporação de novos contingentes humanos, que não venham para ser tragados pela selva, porém aproveitando a experiência que os nossos maiores realizaram, cheia de heroísmo, de tragédia, de erros e de primitivismo. Acredito que estão fermentando as ideias generosas, de que tendes sido um porta-voz e uma bandeira. Há um rumor novo em toda a planície, dos milhares de motores que circulam em seus rios, dos aviões que roncam nos seus céus, dos tratares que rasgam as entranhas das terras firmes, – rumor que todos sentimos numa série de medidas que denunciam a tomada de posição do Brasil em face da Amazônia.

Vossa posse na Academia está assinalando o vosso regresso ao Amazonas, trazido pela mão de um governador de vistas largas, que compreendeu que o Estado, que a Planície, não podem prescindir de vós.

Em verdade, este é o vosso meio. Apesar de terdes escrito, em momento que acredito de transporte voluptuoso, que “Copacabana é para mim a síntese do mundo”, e de viverdes no Rio “tendo o oceano Atlântico no quintal” sem sentirdes aquilo que definistes no “Ensaio de Parapsicologia da Amazônia” como “a

tristeza marítima” do amazonense, Manaus é o centro propício a vossas atividades, é o lugar destinado a servir de ponto de irradiação de vosso espírito. Fora daqui, é certo, o vosso coração continuava a se contrair com a **vis a tergo** da torrente que desce do Vilcanota. Mas não basta o coração: os olhos e o cérebro devem sentir e interpretar a Amazônia, dentro dela.

Não estou querendo torcer o sentido de uma saudação acadêmica. Estou tentando reconstituir, no Jardim de Academus, diálogos de feição platônica como os que vimos mantendo dentro do espírito de fraternidade que nos une, desde a festa olímpica que foi o vosso retorno à terra-mãe. Por isto, nesta hora, quero concitar-vos a empreender, com urgência, os vossos livros definitivos, que serão, concomitantemente, os livros definitivos sobre a Amazônia, e para cuja elaboração como que o destino nos elegeu. Euclides da Cunha – sempre ele, voz inigualável cada vez mais poderosa! – morreu cogitando de escrever *Um Paraíso Perdido*. Cabe-vos escrever *Um Paraíso Reencontrado*.

E o Academia Amazonense, em cuja fundação vosso pai foi figura de prol, ao vos dar as boas-vindas, nesta tertúlia para mim emocionante, em que me sinto a planície diante do planalto, o vale diante da montanha, o córrego diante do rio, água humilde diante da água em caudal, a Academia Amazonense pretende apenas a glória de vos ter entre os seus integrantes.

Bem-vindo, pois, à vossa casa!



GRÁFICA MODERNA
QUALIDADE • TECNOLOGIA • COMPROMISSO

Este livro foi impresso em Manaus pela **Gráfica Moderna** – o miolo e capa – foram feitos pela Cultura Edições Governo do Estado

Trata-se do discurso de posse do médico e escritor Walmiki Ramayana Paula e Souza de Chevalier, um dos mais vigorosos tribunos que esta Academia acolheu, e o elogio pronunciado pelo médico e ensaísta Djalma da Cunha Batista, expressão singular das letras e do pensamento amazônico.

São luzes que haverão de iluminar sempre o pensamento e a vida acadêmica!



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA